

# Entre estantes e entre tantos

*histórias inusitadas na biblioteca*



**PUBLICAÇÕES**  
UFSC - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

**Organizadores**

Andréa Figueiredo Leão Grants

Marcio Markendorf

Roberta Moraes de Bem

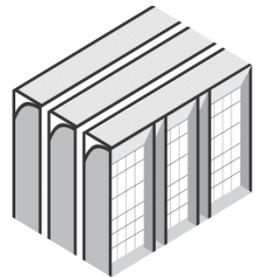
*Entre estantes e entre tantos  
histórias inusitadas na biblioteca*

*Série Memórias Contadas, v. 1*

*Escritores convidados*

*Entre estantes e entre tantos  
histórias inusitadas na biblioteca*

Organizadores  
Andréa Figueiredo Leão Grants  
Marcio Markendorf  
Roberta Moraes de Bem



**PUBLICAÇÕES**  
UFSC - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

2017



Esta obra está sob a licença Creative Commons  
Atribuição 3.0 Não adaptada. Para ver uma cópia desta licença,  
visite: <http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/>

*Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida,  
desde que citada a fonte.*

ISBN 9788564093195 • 300 exemplares • Impresso no Brasil

### *Organizadores*

Andréa Figueiredo Leão Grants  
Marcio Markendorf  
Roberta Moraes de Bem

### *Comissão editorial*

Alcides Buss  
Andréa Figueiredo Leão Grants  
Dirce Maris Nunes da Silva  
Gleide Bitencourte José Ordovás  
João Oscar do Espírito Santo  
José Paulo Speck Pereira  
Marcio Markendorf  
Narcisa de Fátima Amboni  
Ricardo de Lima Chagas  
Roberta Moraes de Bem  
Sigrid Karin Weiss Dutra  
Yara Menegatti

### *Produção*

Adriano Hermesdorff Hedler - CAPA  
Cristiano Motta Antunes - ILUSTRAÇÕES  
José Paulo Speck Pereira - EDITORAÇÃO  
Equipe da BU/UFSC - REVISÃO TEXTUAL

### *Contate-nos!*

Universidade Federal de Santa Catarina  
Biblioteca Universitária  
Campus Universitário, Trindade, Setor D  
88040-900, Florianópolis - SC  
E-mail: [diretor@contato.ufsc.br](mailto:diretor@contato.ufsc.br)  
Telefone: +55 48 3721-9310

Catálogo na fonte pela  
Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina

E61

Entre estantes e entre tantos : histórias inusitadas na biblioteca  
/ organizadores : Andréa Figueiredo Leão Grants, Marcio Markendorf,  
Roberta Moraes de Bem. – Florianópolis : Publicações UFSC/Biblioteca  
Universitária, 2017.

139 p. . – (Série Memórias Contadas; v. 1)

ISBN : 978-85-640-9319-5

1. Literatura brasileira – Santa Catarina. 2. Contos brasileiros –  
Santa Catarina. 3. Poesia brasileira – Santa Catarina. 4. Universidade  
Federal de Santa Catarina. I. Grants, Andréa Figueiredo Leão. II.  
Markendorf, Marcio. III. Bem, Roberta Moraes de.

CDU: 869.0(816.4)

## Sumário

Histórias de biblioteca • 7

A vida na biblioteca ou a biblioteca na vida • 11

*Patrícia Núbia Duarte*

Amor aos pedaços • 19

*Kátia Rebello*

Aura bonita • 23

*Ana Esther Balbão Pitban*

*Bambusa vulgaris* • 27

*Andréa Figueiredo Leão Grants*

Canetinhas amarradas • 31

*Ingrid M. S.*

(Des)prazer, meu nome é marido. Sobrenome, machista • 35

*Eliane Juraski Camillo*

Dicionários de nomes • 41

*Artêmio Zanon*

Dois irmãos • 47

*Jaime Ambrosio*

Encontro de almas • 49

*Ana Esther Balbão Pithan*

Evocações • 53

*Maria de Lourdes Krieger*

Fogo • 57

*Leonardo Ripoll*

O capoeirista que roubava livros • 63

*Scott Rocco Deζorzi*

O coração de Manassés • 69

*Marcio Markendorf*

O curioso do mictório • 75

*Carol Paim*

O fugitivo e o livro • 81

*Jaime Ambrosio*

O Gobêri • 85

*Marcio Markendorf*

O guardião de livros • 91

*Nilson Weber*

O voo do carcará • 99

*Roberta Moraes de Bem*

Obras raras • 103

*Kátia Rebello*

Os três pupilos • 107

*Adris A. de Almeida*

Para nunca mais voltar • 115

*Kátia Rebello*

Sírius e Bellatrix em Santa Catarina? • 119

*Evandro Jair Duarte*

Vida de bibliotecária • 127

*Kátia Rebello*

Vida de estudante • 129

*Kátia Rebello*

Posfácio • 131

Os autores • 135



## *Histórias de biblioteca*

As Bibliotecárias Roberta Moraes de Bem e Andréa Grants tiveram a boa ideia de organizar um livro com “histórias de biblioteca”. As narrativas deveriam retratar situações diversas em torno de livros, por exemplo, a obsessão de certo leitor por obras raras, o desaparecimento misterioso de livros únicos, a recuperação de acervos atingidos por enchente ou, entre outros assuntos, a permuta, por almas insaciáveis, entre ficção e realidade.

Em toda biblioteca há um pouco da Biblioteca de Alexandria. Seja pequena ou grande, situada na metrópole ou numa pequena e distante cidade do interior, ela é sempre o lugar da memória coletiva, das derrotas e das conquistas do ser humano sobre a Terra, dos avanços tecnológicos, da angústia e da esperança. O livro fechado numa prateleira, ou mesmo no celular ou computador, é apenas um objeto inerte, material ou imaterial. Basta que alguém o abra, no entanto, para dele emergir o sentido da vida em suas mais variadas facetas. É fascinante e extraordinário!

Jorge Luis Borges, apesar de sofrer de uma doença degenerativa da visão, dirigiu a Biblioteca Nacional da Argentina. Aprendeu, provavelmente, a reconhecer as pessoas através do ritmo das passadas, do peso com que apoiavam o corpo no chão, na forma da respiração ou no odor que, assim como os traços na ponta dos dedos, é único em cada um. Há muitas manei-

ras de “ler” o mundo. Já cego, amigos emprestavam-lhe a visão através da voz. Borges jamais deixou de ser um grande leitor.

Na obra *A biblioteca à noite*, Alberto Manguel, conterrâneo de Borges e que também, na juventude, “lia” para ele, escreve sobre o corpo e a alma de toda biblioteca. Sob a luz do dia ela emerge nas formas traçadas para o bem-estar dos livros e o conforto dos leitores. À noite, porém, ela é diferente. Os livros, então, através de suas lombadas, espreitam o leitor com cumplicidade. Um parece saber do outro e talvez se amem.

Para a presente coletânea, enviaram-se convites a escritores e Bibliotecários. Podiam eles contar suas próprias histórias ou simplesmente “dar voz” a uma das inúmeras *histórias* registradas em texto e gravadas, ocorridas na Biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina. Nem todos se deixaram motivar para o desafio. Assim mesmo, foi possível reunir uma quantidade significativa de textos. Neles se verifica a variação de gêneros, indo do conto à poesia, passando pela crônica. Há variação também de intensidade e de lavratura literária. Vários textos tocam os livros apenas de raspão, consumando-se em histórias à margem deles. Outros parecem brincar com o farfalhar das páginas, mas sem ultrapassar a superfície. Alguns, porém, se deixam levar por incursões curiosas e reveladoras na vida interior dos livros e da Biblioteca.

O tradutor, escritor, antologista e editor Alberto Manguel, após sair de Buenos Aires e viver e trabalhar em diversos países, decidiu fixar-se no interior da França e, num velho celeiro, acomodou a sua preciosa biblioteca pessoal. Ali talvez pretendesse, nos dias que ainda tinha pela frente, usufruir ao máximo o prazer da companhia dos livros e suas apaixonantes histórias. E sobre eles escrever. Não imaginava, no entanto, que ele próprio, também, pelos livros estava sendo escrito. A Biblioteca Nacional de seu país natal

chamou-o para ser o seu novo diretor. Foi desafiado, portanto, a assumir a cadeira outrora ocupada, gloriosamente, por Jorge Luis Borges. Instalado num bucólico recanto da França, rodeado por seus livros, tinha pela frente uma decisão difícil. Mas como resistir? Abandonaria a sua *Pasárgada*, merecidamente conquistada?

Borges, o mago das palavras, proclamava a biblioteca como o próprio paraíso. O alfabeto, com suas vinte e poucas letras, em infinitas combinações, permitia recriar, repensar e até reinventar o mundo. Além do mais, em toda biblioteca havia um pouco das outras, de todas as outras, desde Alexandria ao Rio de Janeiro com sua fabulosa “biblioteca dos reis”; da Biblioteca do Congresso, em Washington, à bela Biblioteca Nacional da Argentina. Para Manguel, essa era a sua história e não podia fugir dela.

Personalidades históricas como Aleixo Garcia e Cabeza de Vaca unem Buenos Aires à Ilha de Santa Catarina. No *campus* da Universidade Federal alguém cruza a Praça da Cidadania e, na frente da Reitoria, detém-se longamente no mural de Rodrigo de Haro, uma espécie de livro aberto da América Latina. Depois, distraidamente, sai caminhando por uma alameda até alcançar a Biblioteca Universitária. Junto a centenas de professores e estudantes, debruça-se sobre o livro com que sonhara durante a noite. Ler é gostoso!

Alcides Buss  
Agosto de 2016



## *A vida na biblioteca ou a biblioteca na vida*

*por Patrícia Núbia Duarte*

TODOS OS dias, quando o relógio apontava nove horas, ela adentrava a Biblioteca Universitária com passos pesados, assim como seu humor, ou melhor, mau humor. E, com a aparência de quem carregava o mundo nas costas, sem qualquer manifestação de alegria, tomava seu posto e iniciava o atendimento aos usuários, sem enredos de “bom dia” ou “boa tarde”.

Os que ali já se encontravam ficavam a observar o comportamento daquela funcionária com aparência tão jovem e face tão triste. Não demorava e surgiam os primeiros comentários:

— O que há com ela? Todos os dias a mesma “cara amarrada”? Mal fala.

— Pois é, que estranho! Não estou dizendo que todos os dias são flores. Há aqueles em que não estamos para muito assunto. Mas essa moça está sempre assim, testa franzida e um mau humor que não permite sequer um “bom dia”.

Na mesa ao lado, dois colegas que desde cedo estavam entranhados em livros de anatomia repararam, igualmente, na chegada da funcionária.

— Tão bonita e tão “carrancuda”... Qual será a razão de tanto mau humor? É visível que ela não suporta estar aqui.

— Preocupe-se com a prova, Tito. Essa, sim, poderá deixá-lo muito mal-humorado se não tiver um bom desempenho.

Olharam para ela, entreolharam-se e voltaram aos ossos e tendões.

E assim passavam-se os dias naquele grande espaço literário, lindo e necessário para uns, mas, para outros, nem tanto.

A funcionária fazia parte dos “outros”.

O NOME dela era Ângela. Tinha 23 anos, estatura média, nem magra, nem gorda, cabelo ralo sempre preso em um coque de perfeito acabamento. Nem um fio fora do lugar. Vestia-se discretamente, pouca maquiagem, nada para chamar a atenção.

Mudara-se para a capital havia cinco anos. Sua família residia no interior do Estado, possuía um pequeno sítio e desenvolvia agricultura sustentável, o que permitiu aos pais investirem nos estudos da filha que, com 18 anos, já cursava Biblioteconomia na Universidade Federal.

Era o orgulho daqueles pais. Depositavam na única filha seus desejos interrompidos pela necessidade de sobrevivência, que os obrigara a largar os estudos para extrair da terra o sustento. Entretanto, com Ângela foi diferente. Com esforço, estudou em boa escola e garantiu um lugar na Universidade Federal.

E foi assim que, com apenas 18 anos de idade, foi-se embora para a capital levando na bagagem o sonho de seus pais.

Sim. Dos pais. Não os seus.

Ângela queria mesmo era ser bailarina, desde criança. Sonhava em dançar num palco lisinho e brilhante, como um que um dia viu na televisão, com aquelas luzes que iluminam até a alma, pensava ela.

Sua cabeça de criança fantasiava sua trajetória dançante e, entre as árvores do sítio, ela dançava, ou melhor, ela ensaiava — como costumava dizer. Até o chão de terra, os galhos e as folhas tornavam-se palco de suas performan-

ces. E, dessa forma, ela acreditava que quando fosse adulta poderia ser uma grande bailarina.

Passou a infância até que chegou o momento de revelar aos pais seu desejo maior. Ângela estava com 16 anos, e era a hora de conversar com a família a respeito de seu sonho.

Cheia de coragem, no jantar, entre uma garfada e outra, ela iniciou o assunto:

— Pai, mãe, estou quase terminando a escola... Tenho pensado muito no meu futuro.

E, sem meias palavras, disparou:

— Gostaria de ser bailarina!

Sem que conseguisse dar prosseguimento aos seus argumentos, tão ensaiados e cheios de fé, ouviu um sonoro não, seguido de argumentos de todo gênero.

Os pais preocupavam-se com o futuro da filha. Qual poderia ser ele se fosse ela uma bailarina? Afinal, não se é bailarina a vida inteira.

— Enquanto jovem, pois bem! — dizia a mãe. — Mas e depois? Viveria como?

O pai, que somente assentia com a cabeça, aprovava as palavras maternas carregadas de cuidados e preocupações. Um tanto ultrapassadas, pensava Ângela.

— Não e pronto!

Essa foi a resposta. Definitiva e rápida como uma vela que apaga ao vento.

Ângela, então, engavetou o sonho e, com ele, a alegria. Nunca mais dançou. Estudou e foi embora dali, mas não com a empolgação de quem ficou.

Ingressou na Universidade, um curso qualquer, Biblioteconomia. Fez poucos amigos, entretanto, enfiou-se nos livros, buscando na ficção, nos ro-

mances e nas vidas alheias contadas por alguém mundos fascinantes, contudo, muito distantes do seu.

O sonho podado deixara Ângela um tanto amarga, faltava-lhe brilho, faltava-lhe o sonho, faltava-lhe a sapatilha.

LOGO APÓS sua formatura, prestou concurso público e, para alegria e segurança de seus pais, mal terminara o curso superior, já estava exercendo o cargo público e estável de Bibliotecária na Biblioteca da Universidade Federal da capital.

Para Ângela, que junto com seus desejos dançarinos sepultou também seu bom humor, seu sorriso e sua leveza, aquele trabalho no balcão da Biblioteca era tudo o que não queria da vida.

A verdade é que ainda sonhava com a dança. Mas, no caminho de casa, pensava em voz alta, resignada:

— Paciência! Vai ver não era para ser. Afinal, não se pode ser bailarina para sempre, e a esta altura do campeonato eu já estaria entrando para a faixa das veteranas. Mais um pouco e deu... Aqui, pelo menos estou garantida para sempre, sem preocupações. Não fazem diferença a idade e a felicidade. É... mamãe tinha razão.

E assim corriam os dias, entre fichas, usuários, livros chegando, outros saindo, mesas lotadas... Fim de semestre, então, a Biblioteca virava uma gafieira, um salão, com os estudantes bailando em muitos ritmos, cada um na melodia da sua necessidade em ser aprovado na disciplina.

Aqueles que precisavam de notas, nos finais dos períodos, literalmente sambavam entre livros, artigos, fotocópias, autores e teorias.

Ângela não suportava aqueles movimentos desesperados, mas felizes, retrato de quem faz o que ama, mesmo com dificuldade.

Para ela, que amava dançar, não havia nenhuma razão para compactuar com aquele feliz cenário bibliotecário.

Mais um dia e ela chega com a “carranca” de sempre, toma seu posto e, antes de começar os atendimentos, recebe a notícia de que fora escalada para trabalhar nos próximos cinco sábados. Pronto. Mau humor garantido aos usuários também aos sábados.

E LÁ estava Ângela, já no seu terceiro sábado. Nem “bom dia”, nem “boa tarde”. Seca como folha de outono.

Contudo, ela notara que era também o terceiro sábado que aquele estudante, usuário da Biblioteca, passava o dia lá. Até fechar. Escondido atrás de uma estante, pela qual Ângela nunca se interessou, ao contrário daquele moço bonito, meio descabelado e tímido, cara meio “amarrada”, assim como a dela. Identificou-se, pois, com ele.

Era a primeira vez, depois de muito tempo, que sentia um calafrio na espinha e um sorriso inóspito no canto da boca... Daqueles quase incontroláveis quando ficamos felizes de surpresa.

Seguiu Guilherme (Sim, este era o nome dele. Os cadastros precisavam ser atualizados, Ângela só fez o seu trabalho.) entre as estantes, como um detetive atrás de pistas de um crime, até chegar à estante: História da Dança — do número 792.015 ao 792.315.

Os olhos daquela triste moça marejaram, não sabia ela se de dor ou de alegria. Voltou ao seu posto e recebeu a notícia de que fora escalada também para os próximos quatro sábados.

Um misto de sensações invadiu-a e pensava naquela estante que não queria ter descoberto. Afinal, seu sonho de ser bailarina estava bem guardado e não o queria retirar do canto cômodo de seu coração no qual ele residia.

Sentiu até um pouco de raiva de Guilherme, responsabilizando-o por sua ida até aquele lugar da Biblioteca, onde seus maiores desejos escondidos estavam retratados em papel, linhas e letras.

Ângela, a partir deste dia, tornou-se mais calada, mais fechada e mais mal-humorada, refletindo sobre os seus atos e o péssimo atendimento que prestava aos usuários da Biblioteca. As reclamações eram gerais e chegaram ao ouvido do Diretor.

Mas o que Ângela não sabia era que Guilherme a observava há algum tempo. Reparava em como ela arrumava o cabelo, preso, impecável como os cabelos de uma bailarina pronta para o espetáculo. Apesar do semblante sempre fechado, ele via nela uma fina beleza, a postura, apreciava os traços delicados com que digitava e retirava os livros da estante.

Contudo, em um sábado, Ângela não estava na escala. Muitas reclamações fizeram o Diretor suspendê-la por alguns dias.

— Precisa melhorar este humor, minha filha. Descanse uns dias para refletir sobre o seu comportamento — disse-lhe o comandante-geral da Biblioteca, com ar paternal e carinhoso.

O QUE não se esperava aconteceu. E, para surpresa da funcionária e do usuário, sentiram falta um do outro. Ela daqueles irritantes cabelos desgrenhados, e ele daquela cara fechada como o coque impecável que adornava o cabelo. Ela de atendê-lo, e ele de reparar em sua doce beleza por trás da rude máscara que insistia em traduzir no seu péssimo e rotineiro humor.

Aquele sábado para Ângela foi um tédio. Guilherme ficou menos de duas horas na Biblioteca.

Porém, em face do afastamento de uma das funcionárias, Ângela teve de retornar aos atendimentos aos sábados. Aquelas coisas. Sorte da vida.

No outro sábado, então, lá estavam os dois e, para o espanto dos frequentadores assíduos e conhecedores da face fechada de Ângela, ela sorria ao ver Guilherme no final da fila.

Foi um dia diferente.

Ele arriscou-se e além do livro pediu uma dança com Ângela. Ela o olhou secamente.

— Calma! É noite de sábado e hoje tem festa no *campus* da Universidade.

Ela aceitou. Deu uma chance à vida.

Ele mostrou a ela que sempre é tempo para ser feliz.

Dançaram a noite inteira, em um ritmo e sintonia que dispensaram as palavras.

O sorriso que um dia existiu voltou àquele rosto, e Ângela, sem que os usuários da Biblioteca entendessem, passou a tratar todos de forma diferente, uma cordialidade extrema substituiu a “carranca” pelo semblante sereno e alegre.

Ela aceitara da vida a nova chance de ser feliz e entendeu que, às vezes, a forma como queremos algo não deve se tornar o fim, e sim o meio para conseguirmos realizar nossos sonhos.

Ângela não se tornou uma bailarina, mas descobriu no seu local de trabalho uma forma de fazer o que gostava. Sim, a estante História da Dança era a mais brilhante.

Ainda encontrou um amor e dançava todo sábado à noite.



## Amor aos pedaços

por Kátia Rebello

— LEMBRAS DAQUELE rapaz que vivia te assediando?

— Me assediando? Quem?

— Era estudante de medicina. Ele vinha todos os dias ao Setor de Referência conversar contigo.

— Comigo?

— É! Vivia pendurado aqui no balcão. Fez até declaração de amor!

— Para mim? Não me lembro!

É claro que eu me lembrava! Era um rapaz bonito. Alto. Olhar curioso. Eu diria até divertido! No começo ele vinha pesquisar nas enciclopédias. Olhava as estantes. Caminhava até o balcão. E, finalmente, puxava conversa comigo. Eu evitava assuntos longos, pois outros usuários aguardavam atendimento. E as divagações dele se estendiam por horas. Até os funcionários reparavam na assiduidade dele. Creio que ele tenha lido todos os volumes da enciclopédia *Mirador*, da *Barsa* e da *Delta Júnior*. Devorava as páginas e depois compartilhava o seu conhecimento comigo. Eu ouvia. Pensava estar ajudando no incentivo à leitura. Certos alunos só se interessam pelas matérias do próprio curso. Não era o caso do Plínio. Plínio! O nome dele voltava à minha memória, tão nítido quanto as feições, o sorriso. Depois de algum tempo, eu passei a evitá-lo. A presença constante do rapaz chamava a aten-

ção dos outros funcionários. Os fuxicos corriam soltos por todos os setores da Biblioteca. Eu me ausentava propositadamente por muitas horas. E, por algum tempo, a estratégia até deu certo. Outra funcionária atendia no meu lugar. Da sala anexa eu aguardava a saída de Plínio e então voltava ao meu posto, no atendimento aos estudantes. Entretanto, certo dia, tão logo eu cheguei ao balcão, convicta de que ele partira, o rapaz ergueu o corpo por detrás das estantes baixas. Não tive como recuar. Foi quando ele me entregou um bilhete. No mesmo instante, eu o guardei no bolso do casaco. Mal sabia ele que aquela declaração de amor seria o estopim para o fim do meu casamento. Ou melhor, foi a desculpa que meu marido aguardava para me deixar. É engraçado me lembrar de tudo agora...

— Então não te lembras... — murmurou a funcionária.

— Foi há muitos anos!

— Pois é! Ontem eu fui ao médico por causa desta alergia que não me deixa e... Advinha quem me atendeu? Doutor Plínio Dutra.

Encarei-a espantada. Depois disfarcei.

— Eu nem estou mais sentindo aquela cocceira terrível! Fiquei curada só de ser examinada por aquele deus grego! Não sei por que tu não deste chance para ele naquela época...

— Eu era casada! — respondi de imediato.

— Disseste bem: tu eras casada! Não és mais...

Baixei o olhar e voltei ao trabalho no computador.

As palavras dela não me saíram do pensamento. Cresceu em mim a curiosidade por rever aquele estudante de medicina... Agora doutor Plínio! E as imagens do passado se transformaram em possibilidades. E a solidão deu vazão aos sonhos. E eu não contive o desejo de reencontrá-lo.

Marquei consulta. Há muito eu desejava a receita de um bom hidratante para o rosto.

Entrei no consultório com a certeza do arrependimento a nublar-me a expectativa. Não me dei por vencida. Esbocei o meu melhor sorriso e cumprimentei o médico.

— O que a traz aqui?

— Eu... Eu queria um filtro solar com hidratante.

— Sei.

— Desses de farmácia de manipulação — expliquei, cruzando as pernas, inquieta.

Ele alcançou o bloco e começou a anotar a receita.

Espiei por sobre o seu braço.

A mesma caligrafia, constatei.

Então ele ergueu o olhar para mim. Sorriu.

Levantou-se.

Entregou-me a receita e eu a coloquei no bolso.

Abriu a porta para eu sair.

Agradei.

Caminhei pela recepção e alcancei a rua.

Enfiei a mão no bolso, amassei o papel e o joguei na primeira lixeira que encontrei.

Respirei fundo e voltei para a Biblioteca.



## *Aura bonita*

*por Ana Esther Balbão Pithan*

HÁ ALGUNS anos, eu precisei tirar umas fotos para o passaporte e procurei o estúdio fotográfico que me indicaram. Ficava em uma rua que eu raramente frequentava. Demorei um pouco para me orientar até encontrá-la. Lá chegando, fitei por alguns instantes o prédio antigo, com a pintura descascando. Antes de entrar, entretanto, considerei o local e os arredores e hesitei por mais alguns minutos. Sacudindo a cabeça como que para espantar as dúvidas e os receios, subi num ímpeto a escadaria de madeira, que rangia a cada degrau subido.

Já ao final da escadaria era a entrada para a recepção do estúdio fotográfico, e por detrás de um balcão de madeira uma senhora simpática me cumprimentou perguntando o que exatamente eu desejava. Após a minha breve resposta, ela pediu-me que eu esperasse só um minutinho, pois o seu marido já viria me atender.

Enquanto o esperávamos, ela me perguntou para onde eu iria viajar, e isso foi o suficiente para que eu abrisse um sorriso largo e começasse a falar com grande entusiasmo sobre o curso que faria na Austrália. Entabulamos uma conversa animadíssima sobre os exóticos animais australianos que ela me confessou ter imensa vontade de conhecer pessoalmente.

Foi neste clima de empolgação que o marido da recepcionista me encontrou quando adentrou a sala da recepção. Ele, por sua vez, também já estava sorridente. Era um homem alto, robusto sem ser gordo, alguém que não passaria despercebido em lugar algum. Lembro-me bem de sua vasta cabeleira, bigode e barba no mesmo tom incomum de cor de pinhão.

Como não havia ninguém esperando para ser fotografado além de mim, ficamos os três conversando sobre a minha futura viagem por mais tempo do que era de se esperar. Até que, finalmente, ele me indicou o caminho até o estúdio fotográfico propriamente dito, o qual chamou com digno orgulho de seu Templo.

Uma vez lá dentro, larguei minha bolsa, tirei o casacão e os coloquei num sofá para tal propósito. Concordamos que eu estava com o rosto decente e pronto para uma boa foto de passaporte. Ele então pegou sua câmera e, com cuidado carinhoso, manipulou-a observando alguns botões, altura, distância... Era evidente o amor que ele tinha pelo trabalho que fazia.

Eu comentei que desejava ficar bem bonita na foto, e não com cara de 3x4! Rimos e mais do que rapidamente ele tirou uma foto minha. Ficou ótima, garantiu-me, dentro dos padrões exigidos e me deixando apresentável para os policiais federais de aeroportos ao redor do mundo. Eu, todavia, só poderia confirmar sua afirmação no dia seguinte, data prometida para a entrega das fotos. Fiquei achando todo aquele método de trabalhar e de tratar os clientes deveras insólito...

Finalmente, o extravagante fotógrafo (na minha opinião) me acompanhou de volta à recepção, e enquanto eu efetuava o pagamento antecipado para sua esposa, ele encarou-me e, mirando bem fundo dentro dos meus olhos, disse:

— A tua aura é muito bonita. Continua com a tua essência sempre assim, linda.

Eu sorri meio sem jeito, olhei para a mulher dele antes de agradecer o cumprimento tão inusitado para mim. Ele nem respondeu, apenas continuou sorrindo, deu meia volta e retornou para o estúdio. Voltei-me para a esposa dele e, meio constrangida, comentei que eu não era espírita e não acreditava muito naquelas coisas. Ela cortou gentilmente a minha fala confirmando veementemente os dons mediúnicos do marido. Se ele falara que a minha aura era bonita, eu não deveria duvidar.

Eu fui para a Austrália e voltei. Alguns anos se passaram. Até que um dia precisei de umas fotografias 3x4 e lembrei-me do “fotógrafo das auras”. Procurei pelo prédio na bendita rua, e, quando o enxerguei, as lembranças da minha primeira visita invadiram-me gostosamente. No entanto, a antiga porta de madeira estava cerrada e nela havia um aviso. Descobri que o estúdio fotográfico encontrava-se fechado devido ao falecimento recente do fotógrafo. Foi um baque para mim. Saí de lá tristonha e fiz uma breve oração para ele e sua viúva.

No dia seguinte, precisei ir até a BU da UFSC consultar alguns livros. Fiquei um bom tempo por lá até encontrar tudo o que necessitava. No caminho para o guichê de empréstimos, passei por uma área cheia de pufes coloridos. Num deles, com vários livros no colo, vislumbrei um amigo meu, espírita. Lembrei-me então do episódio do dia anterior e da morte do fotógrafo. Fui até o meu amigo e acabei contando a ele um resumo de toda a longa história. Meu amigo conhecia o dito-cujo e revelou-me que o *desencarnado* era um ser muito evoluído e de grande bondade.

Embora respeitasse as convicções do meu amigo, eu não compartilhava das mesmas crenças. Despedimo-nos e segui novamente para o guichê, desta

vez sem me desviar. Entrei na fila para o empréstimo de livros, e, quando chegou a minha vez de ser atendida, uma moça simpática e sorridente me atendeu. Trocamos umas poucas frases sobre os livros que eu estava levando, e, quando tudo ficou pronto, afastei-me. Como não havia ninguém atrás de mim, voltei-me novamente para a moça e, para minha própria surpresa, disse com grande naturalidade:

— Tens uma aura muito bonita!

A moça enrubesceu. Olhou para mim com tamanha indagação no olhar que me retirou de um transe momentâneo. Quando eu me dei conta do que havia acabado de fazer, pedi mil desculpas para ela e saí voando dali. Resolvi passar no banheiro antes de ir embora da Biblioteca a fim de me recompor, pois me sentia um tanto confusa. Encarei a mim mesma no espelho. Meus cabelos longos haviam estranhamente adquirido um tom de pinhão... Pela primeira vez em minha vida eu identificava uma forte energia ao meu redor. Como era bonita a minha aura!

## *Bambusa vulgaris*

por Andréa Figueiredo Leão Grants

PRIMEIRO, UM jato de *spray* antiembaçante, depois a flanela encardida pelo uso e o tempo. Assim, Abias executava rigorosamente o ritual matinal. Metódico, calculista e sistemático sentava-se em sua cadeira almofadada, sem rodinhas, aliás, detestava rodinhas e se posicionava de modo ereto para colocar as lentes garrafais e ficar à espera de Vanusa. Esse era o seu modo particular de ver o mundo.

Vanusa, às oito da manhã, todos os dias, pontualmente, batia seu ponto e começava a organização dos livros do setor em que trabalhava na Biblioteca. De cabelos úmidos, perfume exalando, unhas e rosto pintados, ela desfilava seu charme entre os colegas de trabalho. Seu andar conjugava passos curtos e apressados com o balançar dos quadris semelhante a uma famosa dança havaiana. Sua conduta pressupunha uma personalidade romântica e fantasiada. Gostava de usar, preferencialmente, saias e vestidos de tecidos leves e fluidos como sedas, cetins e *chiffon*, que se moldavam ao seu corpo angular.

Ele, um amante dos livros, exercia seu ofício de catalogador obediente aos preceitos da Biblioteconomia e ao rigor característico de seu comportamento silencioso e observador. Interessava-se especialmente pelos livros de botânica, ao ponto de ficar horas analisando as imagens e decorando os nomes científicos. Por onde passava, buscava achar os correspondentes, inclusive

no jardim da Biblioteca. Catalogava mentalmente o imponente *flamboyant*, a singela amoreira e o misterioso bambuzal. Na verdade, ia registrando nas fichinhas de sua memória o *Delonix regia*, a *Morus* e o *Bambusa vulgaris*.

Ela, feminista convicta e exímia leitora, cultuava Simone de Beauvoir e Virginia Woolf. Decidira, há alguns anos, por questões de ideologia e conforto, que não usaria mais a chamada roupa de baixo; justificava consigo mesma que o excesso de intimidade dessas peças a oprimia.

Concentrada em seu trabalho, Vanusa mantinha um bom relacionamento com os colegas, porém, assim como Abias, mantinha-se reservada optando por não falar de sua vida particular. Certo dia rompeu sua discrição e acabou por confidenciar a uma colega de trabalho a sua, digamos, preferência, ou melhor, a não preferência por tais vestimentas.

Acontece que sua colega tinha o péssimo costume de não guardar segredos. Dizia sempre que não possuía as “sete chaves do baú” e, sem saber dessa particularidade, Vanusa incorreu no erro de segredar à administradora da central de comunicação da Biblioteca, a popular “rádio corredor”, os seus hábitos indumentários. Não demorou vinte e quatro horas para que todos na Biblioteca, sem exceção, soubessem que Vanusa não usava calcinha.

O burburinho foi enorme. As mulheres, ressabiadas, a julgavam e a condenavam. Ressaltavam, ainda, que sempre desconfiaram da conduta da colega e que achavam isso anti-higiênico. Os homens, curiosos, passaram a dirigir olhares atenciosos à colega de trabalho. Todos, menos Abias. O cuidadoso e metucioso Bibliotecário há tempos observava Vanusa em seu gingado passante. E suas lentes, há muito, já captaram a particularidade da colega. Por vezes, fabulava acerca do gosto peculiar de Vanusa em experimentar a liberdade, e se deliciava com o segredo possuído. Sua discrição era acompanhada de uma parcela de ciúmes ao imaginar os possíveis olhares que tal notícia

provocaria nos colegas, e isto o impedia de compartilhar sua descoberta. Assim, guardava para si o segredo que a colega não conseguiu (ou não quis).

O fato é que, ao saber do vazamento do segredo, algo mudou em Abias. Era evidente seu descontentamento, afinal, para ele, era um segredo só seu e de Vanusa. Não participava dos comentários, ficava emburrado e grosseiro quando um colega insistia em tocar no assunto. O ciúme estava o corroendo por dentro e, antes que algum galanteador ousasse se aproximar de sua musa, começou a marcar presença, colocando-se à disposição de Vanusa, auxiliando-a na organização dos livros e no que mais fosse preciso.

No caminho de volta para casa, ia sonhando com sua amada. Até o momento da fatídica revelação, Abias não sabia que amava Vanusa. Em casa, encontrava-se cada vez mais distante de sua mulher e de seus filhos.

Acordava à noite pensando em Vanusa e ficava assim até a madrugada, quando tomava um banho frio e saía para pegar o primeiro ônibus do dia rumo ao trabalho. Gostava de chegar antes de Vanusa só para apreciá-la, às oito da manhã, com seu caminhar sedutor em direção à sua mesa e aos livros. Mas agora, desfeito o sigilo, experimentou o inferno em vida. Apaixonado, passou a ser visto como um louco mais ou menos manso. Alguns lhe aconselhavam um bom macumbeiro, outros um bom analista. Esse negócio de ciúme é uma calamidade — pensava ele.

O final de ano se aproximava, e como sempre acontece é o período de confraternização na Biblioteca. Festa oficial marcada, presenças confirmadas, *buffet* contratado. Mas a turma queria mais. Surgiu, então, a ideia de um churrasco depois do expediente. Para que não houvesse dispersão, alguém sugeriu que fosse feito no próprio jardim próximo ao bambuzal.

Lá pelas tantas, depois dos excessos alcoólicos, Abias tomou coragem e convidou Vanusa para dançar. Os olhares maldosos surpreenderam-se quan-

do ela aceitou o convite. Baila para lá, baila para cá. Bebida, comida e música eram os ingredientes para a descontração.

Embalados pela música, o clima foi esquentando e Abias se encorajando. O vento que batia no bambuzal suscitava aquele ruído característico e convidava os bailarinos para uma visita. Será? Vanusa toparia?

(...)

Não demorou para que os demais colegas dessem falta dos dois e, até hoje, há quem diga que quando derrubarem o bambuzal muitos chorarão de saudades.

Certo é que, no dia seguinte, Abias perdeu o horário, acordou atrasado, nauseado, ainda inebriado. Perdeu o primeiro ônibus e, nesse dia, especialmente, nesse dia, não borrifou o *spray* antiembaçante, nem tampouco passou a flanela encardida nas lentes garrafaís, pois o apressado da hora fez com que os esquecessem em casa. Atrapalhado com seus pensamentos, sentia-se confuso. Andava devagar, cabisbaixo. Talvez, por isso, não tenha se importado com o grupo de jardineiros que plantavam novas mudas de *Bambusa vulgaris* no jardim da Biblioteca. Acometido por um tipo de sentimento negativo, um misto de arrependimento e repulsa, chegou a pensar que tudo era resultado do excesso de salgadinho que comeu no dia anterior, mas não era... Ele sabia que não era. Ao contrário de Abias, Vanusa não se atrasou. Repetiu pontualmente, às oito da manhã, sua rotina de moça séria e pacata, vestida com camisa de manga comprida abotoada até o pescoço, saía preta longa, cabelos presos em coque, unhas sem esmaltes, rosto desbotado. Nesse dia, o apaixonado Abias rendeu-se à sua covardia e à fantasia ao finalmente enxergar Vanusa sem as lentes garrafaís.

## *Canetinhas amarradas*

*por Ingrid M. S.*

HOUVE UM tempo em que o sistema da Biblioteca Universitária não era informatizado. Tempo este que poderia ter perdurado um pouco mais. Não porque os funcionários evitavam a tecnologia, mas por causa das malditas *canetinhas* que ficavam amarradas com corrente craquelada sobre o balcão. Semelhantes àquelas dos Correios e das agências bancárias. Causando certo incômodo durante o atendimento dos usuários.

O horário de intervalo para o almoço costumava ser o período mais tranquilo do dia naquela biblioteca, principalmente nas sextas-feiras. Até que um usuário chegou todo petulante para cima de uma atendente. Sendo ela uma pessoa extremamente cortês e doce, abordada com rispidez.

— Vim buscar minha carteirinha — proferiu presunçoso, debruçando-se sobre o balcão de empréstimo, dizendo o seu nome e, em seguida, analisando o ambiente com o nariz empinado.

— Só um instante, que sua carteirinha será encontrada — afirmou a atendente educada.

— Que seja! — exclamou ele, ignorando-a.

Mexendo na armação dos óculos quadrados de grau, um tique nervoso que adquiriu desde que começou naquele trabalho, ela se sentiu acuada.

Mantendo os olhos fixos na tela do computador à sua frente, com os dedos ágeis digitou o nome dele sobre o teclado gasto.

A Bibliotecária-chefe — que viu toda a cena de onde estava, próxima à impressora — pigarreou, chamando a atenção de ambos.

— Faça questão de procurar a carteirinha dele — comunicou, amenizando a ansiedade da atendente, que lançou um olhar apreensivo na direção da chefe.

Inconveniente, o sujeito encontrou divertimento em uma das *canetinhas amarradas* sobre o balcão. Riscando o móvel de madeira em sentido de vai e vem. Fazendo um barulho irritante e prejudicando um móvel antigo. Importunando-as com seu atrevimento, ao danificar de forma descabida um patrimônio público.

A Bibliotecária, indignada com o comportamento abusivo dele, parou de procurar a carteirinha.

— Por favor, será que você poderia gentilmente parar? — perguntou ela, aproximando-se e intervindo com a mão direita espalmada sobre o balcão. — Engoliu em seco ao se deparar com o estrago já feito com a caneta naquele móvel.

Ele não respondeu. Apenas arregalou os olhos, resmungou algo inaudível e conteve a danificação.

Aproveitando o silêncio concedido, a Bibliotecária empenhou-se em seu trabalho e finalmente encontrou a carteirinha. Entregou a ele, enquanto sustentava um olhar de superioridade.

— Vocês são umas mal-amadas — declarou o usuário revoltado.

— *Aqui* não falta nada, e, se faltar, com certeza não é uma coisa como *essa daí* — enfatizou a Bibliotecária, cruzando os braços.

— Farei uma reclamação a seu respeito — ameaçou ele, franzindo o cenho.

Agarrando com força a caneta, a ponto de ficar com os nós dos dedos brancos, ele a arrastou uma última vez em uma linha contínua sobre o balcão, antes de finalmente se afastar. Deu passos largos e saiu porta afora, sem olhar para trás.

Utilizou novamente um objeto que, disposto daquele jeito, só motivava a discórdia. Aquelas *canetinhas amarradas* eram um verdadeiro disparate.

— Espero não haver uma próxima vez, mas, se houver, não hesitarei em pular por cima desse balcão e arrancar essa caneta dali — comentou a Bibliotecária, massageando as têmporas, recompondo-se.

— Acredite, se você não o fizer, eu mesma o farei — afirmou a atendente. — E as duas se entreolharam e caíram na gargalhada.

Aguardando o próximo momento constrangedor envolvendo aquelas *canetinhas amarradas*.



*(Des)prazer, meu nome é marido.*

*Sobrenome, machista*

*por Eliane Juraski Camillo*

UMA ESTAGIÁRIA tinha um marido que era doente de ciúmes. Esse comportamento havia começado ainda antes do casamento, para falar a verdade, no dia em que se conheceram. Mas, como diz a sabedoria popular — que nem sempre é tão sábia assim —, o amor é cego, e a mocinha acalentava a esperança de que aquela ciumeira toda ia passar, o que, infelizmente, não aconteceu e, ao contrário, só aumentou com o passar dos anos.

Nossos personagens se conheceram na escola, quando ela, na enésima mudança, mudou-se para o colégio onde ele estudava. Isso aconteceu na antiga sétima série, quando ambos contavam com aproximadamente catorze anos. Logo o comportamento dele chamou a atenção dela, pois jamais emprestava qualquer material escolar a algum colega que pedisse. No início, ela achou que era sovínice dele, mas logo percebeu que não emprestava por ciúmes. Tinha ciúme de cada lápis, de cada caneta, de cada borracha, que tinham nome e tudo, e mantinha uma vigilância acirrada para que ninguém tocasse em nada. Ela, obviamente, achou estranho aquele comportamento, mas considerou deixar para lá, afinal ele não era nem seria nada seu e, de médico e de louco, todos têm um pouco.

Mas quem disse que ele não seria nada seu? Parecia que ele estava sempre em seu caminho. As trombadas eram constantes. E o que mais a irritava é que elas não vinham acompanhadas de pedido de desculpas, tampouco de oferecimento de ajuda para pegar os materiais escolares caídos e espalhados pelo chão, como nas cenas típicas em que esses eventos acontecem e acabam em amizade ou até... namoro. Nos filmes, por exemplo, ou mesmo na vida real. Não que ela quisesse uma coisa ou outra. Longe disso. Mas aquele comportamento dele estava mexendo com seus nervos porque, afinal de contas, ele era um menino diferente dos outros, que jogavam bola e começavam a se interessar por revista de mulher pelada e por tentar espiar as meninas tomando banho ou em outras situações em que elas estavam com menos roupas, poucas roupas ou sem roupas.

A situação continuou do mesmo jeito até a festa junina da escola, quando, sem mais nem menos, ele foi convidá-la para dançar. Ela que nunca havia visto nenhum movimento dele em direção a coisa alguma, sempre preocupado que estava em manter suas coisas a salvo das mãos alheias. Ele mais parecia um robô, autômato, que nunca esboçava reação alguma a nada. Nem precisa dizer que os outros meninos sempre o deixavam de lado. O aceite ao convite aconteceu, diria, de susto, pois ela não teve tempo para pensar em uma negativa e esboçar uma reação. Quando deu por si, já estava dançando com ele pelo salão. E não dançava tão mal assim. Até dançava bem. E ela gostava de dançar e acabou relaxando com o fato de estar dançando com ele. Tanto que até começaram a conversar. E a conversa dele não era tão ruim assim, para alguém de quem muito pouco ouvia proferir alguma palavra na sala de aula.

Nesse dia começou o namoro. Ela foi se afeiçoando a ele, por mais que, na maioria do tempo, ele se mostrasse ciumento e obsessivo. Usar roupa

curta, que ela gostava por se sentir bem, livre, leve e solta, já não podia mais, porque ele não gostava. Sair para conversar e praticar esportes com as poucas amigas que tinha também não agradava a ele, e assim ela foi dispensando, uma a uma, as amigas. Ele também não gostava que ela assistisse a filmes sozinha, pois poderia ficar olhando demais para os galãs dos mesmos, e isso não o agradava. Até nos livros que ela lia ele procurava dar seu pitaco, para que não fossem histórias de amor, para que não tivesse nenhum herói romântico.

E assim foi indo, aos trancos e barrancos, até o noivado e o casamento. O pai dela gostava muito do futuro genro. Para o sogro, ele era um homem correto, de poucas palavras, não esses rapazes cheios de salamaleques de hoje em dia. Seria, sim, um bom marido e um bom pai para seus netinhos. Já a mãe dela não pensava da mesma forma. Vivia prevenindo a filha de que aquilo não poderia dar certo. Afinal, ela era uma moça bonita, inteligente, prendada e poderia ser o que quisesse e namorar com quem quisesse. Mas ela não ouvia. Achava que aquilo ia passar e eles iriam viver felizes para sempre, assim como deve ser a vida de duas pessoas que se amam e se propõem a ter uma vida em comum.

Mas não passou. No dia do casamento, ele deu um escândalo porque disse que o padre estava olhando para ela, fato que deixou os convidados muito constrangidos. Isso é o nervosismo do casamento, pensou ela. Vai passar. Talvez passe com um filho, afinal, dizem que filhos são capazes de mudar totalmente as pessoas. Mas também não passou. Ela teve de fazer todo o pré-natal com uma médica. Porém, como essa médica se mudou da cidade e em seu lugar veio um médico, e esse teve de fazer o parto, o marido deu um escândalo com o médico, que, para o marido, estava dando em cima da sua mulher justamente no momento do parto.

Quando ela estava estagiando, como ele cursava economia na UFSC, ele ficava estudando em frente à mesa em que ela atendia, controlando-a. Outra estagiária já lhe chamou até a atenção, pois, às vezes, ele chegava a sentar à mesa com sua esposa, local de trabalho dela. Ele não a deixava ir a festas, sair à rua. Nem levar o lixo para fora ele permitia, tudo para que ela não fosse “vista”. Como o estágio era algo essencial, era o único momento em que ela podia ter uma (falsa) liberdade.

Como tudo que começa precisa terminar, ele começou a cismar, à noite, depois que ela dormia — porque ele só dormia depois de ela dormir, para não correr o risco de talvez ser traído de alguma forma, ela poderia esperá-lo dormir e sair para um encontro secreto, e de haver alguém vigiando a casa. Jurava que havia uma sombra esgueirando-se pelas paredes e que só podia ser alguém que estava interessado em sua esposa. O pior é que nunca podia pegar o desgraçado, porque ele sempre conseguia fugir, ou a sua sombra. Aquilo estava enlouquecendo-o. Já não dormia mais. Passava as noites em claro, numa vigília sem fim. Decidiu que não seria traído. Isso não. A mulher era sua. Ele, o da sombra, não tinha o direito. Mudaram de endereço, e nada. O danado da sombra logo descobriu a nova moradia e continuou a atormentá-lo, sem trégua alguma.

Numa determinada noite, após comprar uma arma, decidiu que já era tempo de dar cabo do homem da sombra. Este não tinha o direito de atormentar sua felicidade, seu casamento. Quando o viu surgir, após sua mulher pegar no sono, sacou da arma e atirou. Tudo o que conseguiu foi quebrar o vidro da janela. E o pior de tudo é que a sombra permaneceu lá. E sabe quem era? Era a própria sombra dele, refletida no vidro da janela do quarto. Ficou muito envergonhado e caiu em si. Viu o quanto havia sido

idiota, mesquinho. Mas já era tarde demais. A mulher, finalmente, reuniu toda a sua coragem e decidiu, resoluta, modificar sua vida, sem ele.

Toda a cidade ficou sabendo da história. Talvez seja dela que surgiu o dizer que fulano é tão ciumento que tem ciúme da própria sombra. Quanto a ela, o trauma é tão grande que, até hoje, após anos de separação, quando ela fica à janela, tem a impressão de que o ex-marido está vigiando-a.



## *Dicionários de nomes*

*por Artêmio Zanon*

HÁ ALGUNS dias, e sem muita saudade de tudo quanto (sobre)vivi, passei pelo Cabo da Boa Esperança, mais que septuagenário, encaminho-me, daqui a quatro anos, para os oitenta e na expectativa que irei muito além.

Da mobilidade da saúde física, sei que muito dela está na eficácia da articulação dos pés com os ossos das pernas (explico: o perônio constitui a parte externa da perna; a tíbia é o osso longo que forma a parte interna da perna e é o mais grosso dos dois ossos; sua extremidade inferior — maléolo interno — forma com a do perônio uma cavidade em que se articula o astrágalo). Por mais tempo que eu possa usufruir da eficácia dessa capacidade de deambulação, sei que posso postergar o uso de uma bengala, de muletas e, o que seria bem mais condição de dependência, de uma cadeira de rodas, etc.

Outra preocupação, tanto séria quanto à da mobilidade corporal, e bem mais preocupante (medo de vir a ser chamado de gagá), é a da higidez mental (explico: qualidade de hígido, estado de saúde); e para a manutenção dessa agilidade abstrata, há mais ou menos um lustro, dentre outros exercícios, desafio-me na rapidez de um relâmpago a ler os quatro algarismos de uma placa de veículo qualquer (e deixo de lado as três letras — isso para o molde brasileiro) e, num enésimo de tempo, procuro formar o número maior e o

número menor, sem desprezar o algarismo zero. Penso que quem está a ler esta narrativa tenha conhecimento de que, entre algumas dezenas de “temas”, optei por título desta o semelhante ao que hei de me consagrar como escritor. Um exemplo: Placa: QHM-1240: o maior número formado com os quatro algarismos é 4210 e o menor é 1024; evidentemente que você, no enésimo de tempo, fechou os olhos e, em tempo menos que enesimal de um segundo, formou o número maior e o número menor, e o veículo da placa já está a algumas dezenas de metros distante de seus olhos e emplacado na memória. Outro exemplo: MKR-8741: o número maior é exatamente 8741, e o menor: 1478. Se fizer exercícios desse tipo de memorização (inclusive com a placa de seu bólido) ao dirigir por aí, não paga imposto e nem pedágio. Mas cuidado com o tempo enesimal em que fechou os olhos...

Outro exercício, esse essencialmente concreto, substantivo e que remonta à minha distante juventude, é o da leitura de palavras em “sassevasa”, a que dei o meu nome (como criador): método lúdico oimetra nonaz (explico: “sassevasa”: às avessas; o às avessas do criador não explico: lê-se).

Assim, passei a formar um dicionário (explico: compilação que possuí, em ordem alfabética, os vocábulos de uma língua ou os termos que fazem referência a uma determinada matéria, descrevendo-lhe o significado, sua utilização, sua etimologia, o sinônimo, o antônimo, etc., sendo registrados na mesma língua ou em outra: dicionário de língua portuguesa; dicionário jurídico. Por extensão Lexicologia: a reunião dos vocábulos ou termos que fazem parte dessa compilação).

Evidentemente que eu, desde os onze anos, quando cursei o ano para admissão ao ginásio (quinto ano do primário para poder entrar na primeira série do ginásio — um verdadeiro vestibular), conhecia muito bem o “pai dos burros”, pois havia até concursos durante o ano de decoreba de pala-

vras dicionarizadas e seus significados. O vencedor era premiado com um dicionário: passava a ser patrimônio pessoal.

Pelo método oimetra nonaz, no lúdico “sassevasa”, comecei por *aba*; depois veio *aca*; loguinho a vez de *aça*; *ada* estava logo ali; *ala* levou-me à *ama* (s. f.) e *ama* (nada de verbo conjugado) trouxe-me a fase da puberdade à tona, a primeira namoradinha nos tempos da calça curta: *ana* (explico, e ainda com boas lembranças: *Ana*); e cheguei à *ara*; à *asa*; à *ata*; e à *aça*. E existem palavras mais compridas: *arara*. Depois passei por cima do “b” de burro; do “c” de capricho; do... e cheguei ao “z” de zebra e... nadica de nada.

Um pouquinho quanto a verbos: *rabar*; *ralar*; *rapar*; *reler*; *reter*; *rever*; e *et cetera* ou *et cetera* ou *passim* (explico: *passim*, advérbio latino que significa que existem outros, no caso, verbos).

Mas do que gosto mesmo é dos nomes, atendo-me ao meu método, ou nem tanto: Alaor era o nome de um colega de primário; Nadir, o de um servidor da Justiça; Irani, o de uma dona de açougue que por vender tanta carne a fiado veio a falir; Otto (aqui tem valia perfeita a aplicação do método “sassevasa”, é prenome de um amigo meu e grande romancista na atualidade catarinense); e *ut supra* (explico: como anteriormente).

Não faz nenhuma diferença, a respeito do que estou escrevendo, se você não sabe quem foi José de Sousa Saramago (\*16-11-1922 e †18-6-2010, Portugal), o que se disse ser ateu (não explico), do qual li vários livros e refiro, por força do “tema” “Dicionários de nomes”, este: *Todos os nomes* (1997). Li, e leia-o quem quiser. Agravo: o meu — oimetra —, nem em “sassevasa” consta; logo, mais uma obra incompleta.

Também não faz nenhuma diferença, a respeito do que estou escrevendo, se você não sabe quem é oimetra nonaz (\*12 de maio de 1940, Distrito de Perdizes, Município de Campos Novos, atual Videira, Estado de Santa Ca-

tarina), famoso autor dos livros de contos *No plantão daquela sexta-feira* (1981); *O sétimo dia* (1984) e *Bichos & humanos* (2010), tiragens esgotadas, e pelas narrativas, nada exemplares, que integram os dois primeiros, o autor oimetra nonaz teve a cabeça (quase) a prêmio (não explico).

Por ocupar-me de dicionários, ia me esquecendo (tenho mais de três mil livros — dos outros): tenho dois dicionários de rimas: um do Costa Lima (Livraria Lelo & Irmão — editores, Portugal, 1952) e o outro é de José Augusto Fernandes (Editora Record, Rio de Janeiro, 1985).

Tenho um *Dicionário bíblico com Imprimatur* (não explico) e *Nilil obstat* (não explico);

tenho o *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*, de Francisco da Silva Borba (Editora Unesp, 2. ed., 1991);

tenho o *Pequeno dicionário de literatura brasileira* (org. de José Paulo Paes e Massaud Moisés, Editora Cultrix, São Paulo, 1969);

tenho, de Napoleão Mendes de Almeida, o *Dicionário de questões vernáculas* (Editora “Caminho Suave” Limitada, São Paulo, 1981);

tenho o *Dicionário de linguística* (de Jean Dubois *et alii*, Editora Cultrix, São Paulo, 1973);

de Felisbino da Silva, tenho o *Dicionário de gíria: gíria policial: gíria humorística: gíria dos marginais* (Papelivros, São Paulo, s/d);

tenho um *Dicionário de mitologia greco-latina* (Abril Cultural, 2. ed., 1976);

tenho o *Dicionário brasileiro de datas históricas* (org. de José Teixeira de Oliveira, volume 14, da “Coleção Reconquista do Brasil”, Editora Itatiaia Limitada, Belo Horizonte–Rio de Janeiro, 1992);

tenho vários dicionários da Língua Portuguesa (para os brasileiros): o Caldas Aulete (cinco volumes), o Michaelis (dois volumes), o de Francisco Fernandes (*idem*), o de Cândido de Figueiredo (*id.*), o da Encyclopaedia

Britannica do Brasil (*id.*) e o *Dicionário da língua portuguesa* 2004 (da Dicionários Editora), Porto Editor (que mandei vir — comprado — de Portugal para poder melhor analisar a obra poética de José Morais Lopes);

e tenho — pasme-se! —, de Camille Vieira da Costa, o *Dicionário de nomes próprios: milhares de alternativas para dar nome a seu bebê* (Traço Editora, São Paulo, 1988) e, de Regina Obata, *O livro dos nomes* (Círculo do Livro, São Paulo, 1986). Observação: os meus bebês foram Ana Paula, Flávia Cristina e Thiago André, e nem eu e nem Cleusa de Fátima C. Z., a mãe deles, sabíamos da existência dessas perfunctórias (mas tão necessárias) obras.

E, por fim, antes de chegar ao nome *Édio*, que em italiano, consoante lhe explicou à indagação (do próprio *Édio*) do significado de seu nome, o *Sacerdos in aeternum secundum* (explico: este o soar do verso 4, do Salmo 109, do Antigo Testamento: “Jurou o Senhor e não se arrependerá: Tu és o sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melquisedec”), tema fundamental da proposta: “Uma pessoa simples estava à procura do dicionário dos nomes. Queria olhar este livro porque o padre havia dito que parte do nome dele significava Deus. Daí ele queria verificar. A Bibliotecária ficou curiosa e perguntou qual era o nome, ele respondeu: *Édio*. *Dio* em italiano é Deus”.

Para este escrito(r) humilde, desprezioso, lépido, rigoroso, espirituoso e cerebral, e para desencanto, vou aos livros de Camille e de Regina e não encontro o nome *Édio* (explico: ao bicho ser humano — o *homo erectus sapiens* —, em geral, dá-se-lhe uma identidade individual nominal — *Édio* —, pela qual, se não for surdo, atenderá até ser colocado ao fundo dos sete palmos, se não em outro lugar, e um sobrenome — dito apelido de família: *v. g.* *Édio Lírio Branco das Neves*; *Édio Himineu das Dores Conjugais*; etc.) (já está explicado).

Já que o assunto é dicionário, eis o que dicionarizou Costa Lima: *assédio*, *epicédio*, *epimédio*, *intermédio*, *médio*, *prédio*, *remédio*, *tédio*, etc., e J. A. Fernandes, além dos por ordem alfabética do autor lusitano, estes: *litopédio*, *macédio*, *médio*, *nédio*, *promédio*, *sorédio*, etc. Caraca — dirá você, que é um grande poeta — rimas ricas, mas no momento não encontro remédio para meu *tédio* (poético).

Vou ao epílogo: se em ambas as obras das autorias femininas, as duas não prestigiaram o nome do personagem do tema — *Édio* — é porque, como sempre admitido para a minha insignificância, tudo o que há no obre terráqueo, mormente o posto por obra do engenho humano, é precário, limitado.

E se *Dio*, na língua de Dante de Alighieri (e na de meus avoengos paternos e maternos de Beluno, Treviso), quer dizer Deus (logo, *Édio* não é Deus, mas pode ser criatura de Deus), então quem é Deus? (explico: aliás, explique-me).

E fico no posto para não continuar tomando o Santo Nome de Deus em vão, ainda que com o perdão do padre e da convivência da Bibliotecária.

*Dois irmãos*  
por Jaime Ambrosio

— VOCÊ TEM *Dois irmãos*, querida?

— Tenho três, por quê?

— Não, desculpa! Tô falando daquele livro do vestibular, *Dois irmãos*, sabe qual é, né?

— Sei, claro, mas tão todos emprestados.

— Todos?

— Na verdade são cinco.

— Cinco irmãos?

— Cinco exemplares.

— Ah, sim!

— Mas não param aqui, um talvez volte amanhã.

Assim começou a confusão. Ele era apenas um pai esforçado, um servidor da Universidade que fizera carteirinha na Biblioteca, que pegava livros de aventura para si e os do vestibular para a filha, menina que só pensava em estudar.

Voltou no dia seguinte, um tanto preocupado, afinal faltava apenas aquele livro pra Neuzinha ler e se não o encontrasse na Biblioteca seria obrigado a comprá-lo na livraria, pois o vestibular estava chegando. Mas comprar livro, com essa crise danada, não é coisa fácil.

Subiu, perguntou, perguntou. Nada. Desceu, talvez alguém tivesse devolvido um exemplar há pouco tempo.

— Senhora, viu *Dois irmãos* aqui embaixo?

— Ai, meu Deus! Eram seus filhos? Vi, sim, senhor. Uma mulher loira levou. Um deles até chorou, não queria ir, mas eu pensei que era manha de criança, criança chora por qualquer coisa, não é mesmo? Será que foi sequestro? Ai, meu Santo Expedito, valei-me! Aqui tá parecendo o Rio de Janeiro. Mas eu não tive nada a ver com isso, juro pro senhor, eu sou apenas a faxineira!

— Senhora, eu procuro um livro chamado *Dois irmãos*!

— Ah, que susto, moço! Pergunta praquela mulher de óculos.

Lá foi o bom pai, com a melhor das intenções.

— Por favor, alguém entregou *Dois irmãos* nos últimos minutos?

— Eu não vi. Mas fala com a Lorete, aquela moça lá.

— Não, não! *Dois irmãos*, o livro do vestibular...

— Ah, explica melhor, senhor! Não, mas tem um que tá pra chegar. Dá uma passada aqui amanhã.

Desistiu. Foi comprar o tal livro, escrito por um tal de Milton Hatoum. *Paciência*, um livro não mata ninguém, não é mesmo? E a Neuzinha precisa passar no vestibular. Depois ele também iria ler, disseram que é uma história muito boa.

Na livraria teve que rir, sem muito querer, por causa de uma piadinha da vendedora:

— *Dois irmãos* acabou. Pode ser *Dois filhos de Francisco*?

*Encontro de almas*  
por Ana Esther Balbão Pithan

Morrer não é acabar  
para os que deixam na Terra um pensamento.  
Júlia Lopes de Almeida, 1862-1934

DESTERRO, 1825

Pronto! Ela colocou o ponto final. Escreveu lentamente, com dedos trêmulos e abundantes lágrimas escorrendo por suas faces descoradas, três letras que selam o meu destino: FIM. Duas ou três de suas lágrimas caem sobre esta última página. Daqui por diante terei vida própria...

Sou um manuscrito. O meu futuro é tornar-me um livro e ser lido por muitos leitores! Sou o relato que a jovem desiludida com a partida do seu amado resolveu registrar em forma de romance. Eu sou a esperança que a bela M. tem de legar para a eternidade a nobreza das suas juras de amor pelo honrado Brigadeiro A., que por dever ao nosso augusto Imperador abandonou-a para juntar-se ao *Exército do Império do Brasil*.

Oh! O que será de mim? A pobre M. deixou-se morrer de tanta tristeza. Uma semana após o seu enterro, vieram estas mucamas separar os objetos da finada e, com desdenhosa destreza, as duas colocaram tudo, inclusive eu, em um enorme baú de madeira. Escutei-as reclamando que terão que nos

carregar até o sótão do casarão. Quanta decepção. Nem os pais da formosa M. tiveram sequer um paternal interesse de me ler ou folhear.

Por quanto tempo ficarei esquecido neste escuro baú? Trancado neste sótão? Eu, que carrego em minhas entranhas a semente de vida, de transcendência, de uma alma atormentada. Vós que estais aí fora, por favor, encontrai-me! Transformai-me num belo livro, com capa imponente, com banho de ouro nas bordas das páginas...

FLORIANÓPOLIS, 1995

FEVEREIRO

Quase não acreditei quando escutei as vozes jovens, vibrantes, das pessoas que adentravam o sótão. Pensei até em chamá-las. Logo desisti, no entanto. Nas raras vezes que alguém entrou no sótão desde que eu ali chegara, nunca, jamais alguém se dignou a responder ao meu grito desesperado por socorro. Nunca o baú foi aberto.

Contudo, neste dia a tampa do meu caixão fúnebre de incontáveis anos abriu-se, permitindo que a luz do sol evidenciasse a minha presença. Eu encontrava-me ileso, preservado dentro de uma caixa de porcelana, um protegido de Pandora! O rapaz que me descobriu arregalou os olhos por breves instantes. Depois tampou novamente a caixa dizendo que me levaria para algum pesquisador da Universidade. Era o novo proprietário. A casa prendera fogo, e os herdeiros venderam tudo.

MAIO

A despeito das minhas tentativas de chamar a atenção, ninguém me leu. Implorei em vão para que finalmente alguém fizesse de mim um livro ao

menos respeitável. Nem precisava ser com capa bonita, nem com letras douradas.

Percebi que saí da casa do meu descobridor e fui levado para outro local. Ele me entregou para uma juvenzinha com óculos e um brilho metálico estranho nos dentes. Ela, sem um mínimo calorzinho de curiosidade, atirou-me num canto em seu quarto, sem empolgar-se por dar uma olhadinha em minhas páginas.

#### DEZEMBRO

Milagre! Agora a minha vez de ganhar o mundo chegou. Escutei a conversa do rapaz Bibliotecário G. que, com olhos brilhando, acariciava-me de um modo que só a bela M. o fazia. Eu soube que fui doado para a Biblioteca Universitária! Aqui serei restaurado, pesquisado e vorazmente lido!!! Terei, por fim, vida entre milhares de leitores ávidos por conhecer os meus mistérios...

#### LIMBO

Tamanho amor... amaldiçoado. Tanta esperança malfadada. Um dilúvio (Oh! Ira divina?) determinando a extinção total da minha chama. Triste fim. Agora é definitivo. Eis então que reencontro aqui a extensão da minha alma, o meu manuscrito. Intacto. Intactos, autor e obra eternamente sem leitores. Nem céu, nem inferno, nem salvação, nem condenação. Para todo o sempre em união siamesa.

M.

DEZEMBRO, 1995 — TELEJORNAL

“— ... e as últimas chuvas também causaram devastação na Biblioteca Universitária. Bibliotecários consternados confirmaram a perda total de inúmeros periódicos e várias obras consideradas raras, bem como dissertações de Mestrado e teses de Doutorado. Uma curiosidade: um manuscrito inédito doado à BU esta semana está entre as obras perdidas. O pesquisador responsável declara, inconsolável:”

“— Sim, é lamentável! Um manuscrito do século XIX encontrado num baú esquecido no sótão de uma casa antiga, demolida no sul da ilha... E eu nem tive a oportunidade sequer de lê-lo. Nem o nome do autor nós ficamos sabendo, uma verdadeira catástrofe para a história da literatura... O manuscrito simplesmente virou uma papa de papel.”

“— E vamos, então, agora conferir a previsão do tempo para...”

## *Evocações*

*por Maria de Lourdes Krieger*

SAIU DO Centro de Cultura e Eventos. Seguindo em frente, atravessou a rua, passando entre os jardins e as árvores que pretendiam ser belas, mas apenas mostravam conseqüências do açoite do vento de tantos anos sobre elas.

Percorrendo a Praça da Cidadania, parou para apreciar o mural de Rodrigo de Haro, em parte da fachada do prédio da Reitoria. Comoveu-se ainda uma vez com a beleza dos coloridos fragmentos, em que o artista expôs relatos do imaginário pré-colombiano e marcas de identidade lusocatarinense.

Deteve-se por um momento na Capela Ecumênica, encantado com a beleza plástica do prédio. Continuou seu percurso, em passos descansados sob o corredor de árvores, até a Biblioteca Central.

Lembrou o tempo em que ali trabalhou. Os casos. Como o do jovem que pediu à Bibliotecária um dicionário de nomes: precisava descobrir por que o padre de sua cidade lhe havia dito que parte de seu nome significava *Deus*. “Me chamo Édio”, ele informou (Em italiano, *Deus é Dio...*). O do professor que certa feita insistiu em que a Biblioteca providenciasse a instalação de redes, para os alunos descansarem depois do almoço. Da funcionária conhecida pelo hábito de, ao fim das festas de confraternização, esconder em sua mesa de trabalho fatias de bolo, salgadinhos e o que sobrasse, para

levar para casa. Indagada a respeito, justificava: “É para meu neto, Iraci”. Ficou conhecida como *Iraci*.

Havia a chefe que gostava de motivar sua equipe. Certa vez levou vasos de barro, cada um com flores iguais rodeando uma de cor diferente. Explicou aos funcionários que cada um deles era essa flor diferente, no meio de outras iguais; que o trabalho de cada um era único, especial. Um funcionário interrompeu-a, pedindo para sair mais cedo *todos os dias*. “Eu mereço. Afinal, como a senhora explicou, sou único, especial...”

Entrou na Biblioteca, passou pela catraca, subiu as rampas. Em frente, duas mesas de informação, o balcão de atendimento. À esquerda, estantes que se estendiam até os fundos, com mesas para consulta, circundavam a ampla sala e alcançavam a área de atendimento. Em frente, estantes com cópias de monografias e teses defendidas na Universidade e exposições de arte catarinense, salas especiais.

A aposentadoria não lhe tirou o gosto pelo ambiente de tantas e prazerosas leituras. Como poderia ter preenchido muitos dias de chuva, de folga, de tédio, não fossem os empréstimos a que tinha direito? Quanto se (re)descobriu, *viagrou*, abraçou melhor a vida com Machado de Assis, Lobato, Lispector, João Cabral, Cecília Meireles, Bandeira, Drummond, Quintana, García Márquez, Llosa e tantos, tantos outros!

Olhou o ambiente à sua volta, o movimento.

Recordou a inusitada presença de antigos e eventuais *moradores* do local. Um gato, por exemplo. Surgiu em tempo de reformas, de obras de climatização do ambiente. Talvez encontrasse um jeito de estar na Biblioteca à noite; durante o dia circulava tigrado, calmo, pela área externa. Os usuários acostumaram-se com ele, faziam-lhe ligeiros agrados. De repente, o bichano desapareceu. Foi encontrado em uma segunda-feira cedo, por causa do

forte mau cheiro vindo de uma goiabeira estéril do estacionamento. Pleno verão, a Biblioteca ainda sem os aparelhos de ar condicionado e com janelas fechadas, por causa do fedor — tudo isso motivou um voluntário a enterrá-lo... Mas tal alma caridosa desconhecia a história de gato escondido com rabo de fora: somente o corpo do bichano tinha recebido o abrigo da terra. O mau cheiro se acentuava. Na falta de outro voluntário para enterrá-lo adequadamente, foi convocado para a tarefa um funcionário da Prefeitura do *campus*. O gato recebeu cova funda ao pé da goiabeira que acolheu seu último suspiro. Para surpresa geral, no devido tempo a goiabeira frutificou, tomou gosto e nunca mais parou de frutificar. Passou a oferecer “goiaba com recheio de gato”, brincavam; o que lhe havia faltado era adubação.

Teve o João-de-Barro, *forneiro* que voava livre por todos os cantos, preocupando os estudantes: e se um dia ele não conseguisse sair, perdido nos labirintos das estantes ou voasse de encontro ao vidro das janelas cerradas?

E o pombo que se recusou a responder aos apelos, brados, às vassouradas daqui e dali, permanecendo no ambiente por dois dias? O que não teria maior problema, não fosse ele se sentir à vontade para lançar seus excrementos por todo o ambiente. Inclusive sobre livros. (Alguns precisaram ser descartados.)

Houve a surpresa da presença de uma debilitada coruja caída sobre uma mesa e que recebeu cuidados até se recuperar, sendo então colocada no jardim lateral da Biblioteca, ainda hoje conhecido como *A morada de corujas*. Teria havido outras representantes de sabedoria, inteligência, misticismo e mistério que justificassem o plural?

E houve o inesquecível Catatau, um dentre numerosos cães de rua abandonados no *campus* universitário. Conhecido e amado por estudantes e funcionários que o paparicavam, era vira-lata de muitas raças e uma disposição

incrível para pequenas aventuras. Como, dentre tantas, em assembleias estudantis entrar no auditório e deixar-se ficar deitado à frente de todos, o tempo que durasse a sessão. Acompanhar jovens à BU, ficando na entrada, à espera de seu retorno. Terminadas as aulas do turno noturno, escoltar estudantes até o ponto de ônibus; alguns deles, até em casa. Encabeçar passeatas; em uma delas ao centro da cidade, percorrendo fleumaticamente 40 km. Tanta disposição, tanto companheirismo lhe renderam homenagem póstuma: o Espaço Catatau, na Praça da Cidadania, com uma placa que lembra “o eterno patudo”.

BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA de mil casos. “Minha *terra* de sonhos, aventuras, alegrias, evocações”, pensou. “BU: uma parte importante de mim.”

## *Fogo*

*por Leonardo Ripoll*

QUEM PASSA por estantes de livros deve saber que o que está ali, em sua maioria, são memórias de pessoas mortas deixando seus traços de imortalidade no mundo.

Alguns dizem também que cada memória daquela carrega um sentimento junto com a escrita.

Poucos sentem, muitos leem.

O sentir, amigo e também inimigo do pensar, se manifesta de diferentes formas em diferentes pessoas. Tem aqueles que sentem demais, outros que sentem muito menos.

E tem aqueles que dizem ser sensitivos.

Para estes, a percepção torna-se aguçada, e o sentimento materializa figuras e cenários, tornando visões e presságios uma forma de aviso sobre algum evento ou aspecto da vida.

Pois bem.

Alguns destes sensitivos relataram que dentro da Biblioteca havia alguns espaços em particular que possuíam grande carga sentimental, e que a presença destas forças sentimentais era sentida — e por eles também temida.

Não é algo tão difícil de visualizar.

Imagine você caminhando por uma Biblioteca com um vasto acervo e espaço físico. É noite de inverno de uma sexta-feira. Poucas pessoas estão ocupando as infinitas mesas. Os atendentes, aos poucos, vão se extinguindo, conforme se encerra o expediente de cada um.

O vento sopra forte lá fora. Na busca por um livro, você entra em um determinado corredor.

Deserto.

As lâmpadas estão falhando, algumas estão queimadas, causando dificuldade para localizar o material escolhido.

O vento assobia lentamente. O forro, baixo e perto do topo da estante, faz um barulho. Passos?

De repente, parece não haver mais ninguém na Biblioteca.

Silêncio total.

Um livro cai. A estante range. Um sopro de ar passa pelo corredor.

Alguma coisa parece se arrastar. Você olha, e nada. Por acaso, em sua frente, vários livros de... Ocultismo, bruxaria... E uma bíblia com a cruz invertida?

Um grito vem da rua.

Nada mais acontece.

UM DIA, uma transeunte passa pela Biblioteca e, tendo seus sentidos aguçados, percebe algo estranho em um dos corredores.

Uma luz, um barulho e fogo.

Em um susto, se apressa em direção à Bibliotecária:

— Oi.

— Boa noite — responde a Bibliotecária.

— Tem um barulho estranho em um corredor aqui dentro da Biblioteca.

— Que barulho? Qual corredor?

— Olha lá.

Ela aponta. A Bibliotecária pacientemente se desloca até o corredor indicado.

Nada.

Retorna até a mulher, que observava de longe.

— Não tem nada no corredor, o barulho vem da rua.

— Você chegou até a caixa de luz que fica no final dele?

— Hã... Sim, tá sem barulho também.

— Ela vai pegar fogo.

— Oi?

— A caixa de luz vai pegar fogo e incendiar tudo aqui.

— Hum.

— Eu sou sensível, sabe? Tenho esses presságios. Eu pressinto as coisas e logo depois elas acontecem. E está muito claro para mim que vai pegar fogo naquela caixa de luz daquele corredor.

A bibliotecária ficou sem reação.

Buscou em todo o seu conhecimento (das obras das memórias dos que já foram) uma forma de resolver aquela situação.

Não encontrou.

Então pensou em todo aquele tempo que perdia ali, lidando diariamente com as mais diversas situações, balançando entre pessoas excêntricas e livros empoeirados.

Apesar de tudo, era um ambiente bem vivo, normalmente. Cheio de ideias, informações, conhecimento e comunicação, e as pessoas sendo pessoas no meio disso tudo.

No entanto, em algum momento a frieza tinha pairado sobre a sua vida. Uma sensação de não ter vivenciado muito as coisas como geralmente todos fazem.

Os romances eram muito bons enquanto literatura. Já em sua vida... Ah! Era melhor deixar pra lá.

Já fazia tempo que desconhecia o significado da palavra desejo e, pensando bem, agora achava também que já tinha passado o tempo de mudar o seu sentido.

Seu pensamento se confortava num frio de julho, com direito à chuva e, quem sabe, à neve?

VOLTOU A si.

Na sua frente, a mulher apresentava uma expressão de puro horror. Os olhos arregalados, o rosto pálido, a boca aberta. A expressão aterrorizava com seu semblante magro e ossudo. As mãos abertas inclinavam para frente junto com o corpo. Os pés, cobertos pela saia, pareciam levitar.

Por um breve momento, a Bibliotecária pensou ser sua imagem refletida num espelho:

— Ah, entendi! Ok, anotado. Posso ajudar com mais alguma coisa?

A mulher, meio que em um transe sem retorno, sai lentamente, olhando para trás e avisando a cada passo que dava:

— Vai pegar fogo aqui!

— Vai pegar fogo aqui!

— Vai pegar fogo aqui!

A Bibliotecária foi ficando distante. Imaginou um bloco de gelo se destacando e sendo levado para se perder na infinitude do Oceano Ártico.

— Minha nossa, preciso de férias — pensou a Bibliotecária.

ALGUNS DIAS se passaram.

Alguns meses se passaram.

E, quando menos esperava, a Bibliotecária entrou em férias.

Nunca pegou fogo.



## *O capoeirista que roubava livros*

*por Scott Rocco Dezorzi*

IMAGINEMOS A rampa da BU. A gigante e elevada estrutura que já levou tanta gente ao encontro do conhecimento e do sucesso, através de sua diagonal majestade. Agora a imaginemos do lado de fora, refém do tempo, do sol e da chuva, das intempéries de nosso caloroso e úmido clima subtropical. As gotas de chuva adoravam escorrer por ali. E é isso mesmo que você leu: à época, lá no século 20, a rampa era para fora, e não para dentro. Não era abrigada por toneladas de concreto e vidro. Era (e continua sendo) muito bonita; mas, como há algo chamado mundo, e nesse mundo tudo aumenta, com o conhecimento não seria diferente: a BU teve de ser ampliada, dando lugar à BU que hoje conhecemos.

Sol a pino, maltratando a superfície da rampa. Fuscas e Brasília's adoravam estacionar bem ao lado, e as pessoas com calças boca de sino gostavam de desfilar por ali. O tempo já se abraçava ao meio-dia, e os servidores já estavam com fome, pois era quase hora de almoçar, e as lombrigas berravam nos vazios estômagos dos *laboradores*. Nervos à flor da pele, loucos por vitaminas, proteínas e uma bela serotonina pós-almoço. Descendo a rampa, nosso protagonista.

Um homem. 22 anos. Em grande verdade, mais que um homem: um capoeirista brutão arrumador-de-encrenca anti-herói. Pelo fato de sempre

olhar atravessado os servidores, com o olhar do tipo “estou prestes a fazer algo”, despertava suspeitas. Além disso, era frequentador assíduo da BU e, portanto, conhecido por todos. Ou, pelo menos, pelos queridos servidores que ficavam na catraca próxima à rampa. Malandro, vinha vagarosamente. Debaixo do braço, um livro; dentro da cabeça, más intenções. Quase saindo da Biblioteca, como quem não quer nada, levava algum livro debaixo do braço, o que chamou a atenção dos servidores que lá estavam.

— Ow, cara, o que é isso?! Você vai ter que nos mostrar esse livro — disse um deles, já irritado pela fome. — Você desrespeitou os caras da Biblioteca — finalizou.

— Não! Este livro é meu! – retrucou o rapaz, com a esperteza de uma ratzana e a certeza de um ditador.

Ora... Encaravam-se, de repente, os 2 pombos alfa, ou os 2 galos, num ringue chamado rampa. Encostando um peito no outro, os pombudos galináceos se entreolhavam como se disputassem a mulher da noite. Nessa masculinidade toda, a mulher (o livro) ficava, até então, debaixo da asa do pombo ladrão.

— Vai ter que mostrar, vai ter que mostrar! — repetia em alto e bom tom o funcionário.

E o rapaz resistia bravamente. Até que, após tanta insistência e encostos de peito, ele o mostrou. E adivinhem só: além de peitos encostados, o nariz do sujeito quase furava o olho do nosso bravo trabalhador, de tanto que mentiu. O livro era da BU.

O homem não sabia em que buraco se enfiar, e o silêncio quebrava o ar. Até as partículas d’água suspensas na atmosfera ficaram sem jeito com a situação. Abruptamente, puxando o livro do nosso Pinóquio perdedor, nosso audaz servidor falou:

— Te afasta, cara!

Enquanto o sujeito se afastava, chamaram a segurança para contornar a situação. E eis que nossos seguranças, 2 senhores, chegaram; mas, se soubessem o que lhes estava guardado, não teriam nem saído de seus aposentos. Não teriam, aliás, nem saído de casa. Aproximando-se lentamente, eles chegam para forçar a saída do rapaz.

— Pow, pow!

Num piscar de olhos, 2 cabeças grisalhas se juntam de modo agressivo e caem no chão: foram os chutes do sujeito. Ninguém contava com tamanha ousadia e perspicácia.

Naquela confusão monumental, não se sabe como, veio até a polícia para, dessa vez, prendê-lo, pois, além de ter desrespeitado as regras da BU, agredira 2 pessoas.

Agora, não havia 2, mas o dobro (que costuma dar 4). Isso mesmo: 4 policiais para conter o rapaz, que, a essa altura, sabe-se lá onde se encontrava. Mas no *campus* estava. Quando o avistaram, aproximaram-se para capturá-lo e, de repente:

— Pow, pow, pow, pow!

Noutro piscar de olhos, 4 cabeças cobertas com chapéu e fardadas se juntam e caem no chão, novamente. Só após muita força, conseguiram render o meliante e levá-lo para a delegacia. Rolo histórico da UFSC.

Depois do acontecido, alguém da Universidade tinha de estar presente para dar queixa.

— Existe uma pessoa responsável por aqui! Ainda mais porque eu serviria de testemunha. Você vai! — dizia um dos servidores que acompanhou de perto o caso.

— Não! Você é que vai ter que ir! — dizia a coordenadora da Biblioteca à época.

— Vocês dois vão! — retrucava um terceiro, fiscal naquele tempo.

Seguindo o ditado “merda, merda e meia”, após muito desgaste salivar, foram os 3 para a delegacia. Chegando lá, foram recebidos pelo comissário de polícia. Cumprimentou-os e deu-lhes 3 máscaras para que não fossem identificados ao visitarem o ladrão do livro. O rapaz, preso, estava furioso: fumaça saía pelos seus ouvidos, e 2 bolas de fogo davam lugar aos olhos: era o Pinóquio fulminante. Cômico. Cômico e, simultaneamente, trágico.

O sujeito gritava, e gritava, e gritava. Falava muitos palavrões. Seu aparato comunicativo, mais conhecido como boca, reverberava palavrões tão sordidos que honravam a presença dos dedos indicadores presentes para servir de tampão aos ouvidos. Coisa feia mesmo. O comissário, já do outro lado das grades e com as 3 testemunhas, perguntou:

— É esse mesmo?

— É esse — respondeu um dos 3, num tom seco e assertivo, observando a familiar vestimenta: touca, bolsa e roupa de lã.

— Mas esse sujeito não quer abrir a boca para nada — lamentava o comissário. — Não quer dar o nome, família, como surgiu dentro da Universidade. Nada! Mas não se preocupe, vamos dar um “remedinho” para ele.

Passado um tempo, após terem ido para outra sala com o rapaz, retornaram. O sujeito estava completamente mudado, mais calmo. Nem parecia o capoeirista endiabrado de outrora. O tal do “remedinho” fora tão eficiente que lhes rendeu o nome, onde morava, o que fazia ali. Até que o homem já fora preso descobriram. O suposto remédio permanece um mistério até hoje. Não é de se estranhar: eram os anos de chumbo da ditadura militar.

O sujeito nunca mais foi visto. Não na UFSC. Nem notícia alguma se teve dele. Desapareceu no tempo e espaço, voltando a aparecer nestas folhas de papel. E quanto às certezas que ele deixou, não se tem dúvida: gostava mesmo é de capoeira e livros.



## *O coração de Manassés*

*por Marcio Markendorf*

TEMPOS ATRÁS, quando os meios eletrônicos e informáticos não faziam parte integrante das atividades cotidianas, o sistema de catalogação das bibliotecas era completamente manual. Nas mesas, fichas de papel, carimbos com data, arquivos de metal com as fichas catalográficas. Havia um tempo maior de materialidades, um tempo de parada, de enraizamento com as coisas.

Naquele tempo, jovens estudantes abalavam-se até a Biblioteca com muito mais frequência fazer suas pesquisas escolares. Pediam aqueles volumes gordos de enciclopédias, como *Barsa*, *Mirador* e *Britânica* — coleção que era o sonho de toda criança, um sonho de se ver a salvo em qualquer situação de emergência para tarefas de casa. Era uma cena bonita de se ver: aqueles livros grandes, abertos sobre a mesa, dispostos aos olhos atentos de pequenos pupilos. Eles passavam a tarde copiando com uma letra redonda ou cheia de garranchos os verbetes que achavam interessantes.

Hoje, com o advento de buscadores como o *Google*, de enciclopédias eletrônicas colaborativas como a *Wikipédia* e de outras ferramentas, os jovens não aparecem mais tanto na Biblioteca. E muitas das vezes seu alvoroço aqui dentro está na possibilidade de usar *wi-fi* grátis, fazendo-os colar os olhos em telas pequenas ou médias de *smartphones*, *tablets* e *notebooks*. Muitas vezes os livros ficam de lado.

*Ubi sunt qui ante nos fuerunt?* Onde estão aqueles garotos de outrora? É possível que não estejam. Ou já nem se lembrem de que estiveram.

Esquecimento é a contraparte da lembrança, face oposta da mesma moeda. No jogo mental, é preciso esquecer para lembrar. Lembrar e esquecer. Há quem diga que recordar, segundo a etimologia do verbo, remeteria à ideia de colocar algo de volta no coração. Recordar seria, pois, um gesto afetuoso para consigo mesmo. Para com o outro.

Logo, quem tem boa memória também deveria gozar de uma afetuosidade mais plena, sincera, serena. O trazer contínuo de baldes dos poços da mente saciam a sede de um coração. De um homem, de um animal.

Uma qualidade notória que dizem ter os elefantes é a boa memória. Talvez, por isso mesmo, sejam os mais amorosos dos bichos. A capacidade de lembrar-se dos paquidermes é tão reconhecida entre as gentes a ponto de ter sido incorporada à língua a expressão idiomática “memória de elefante”. Dizer que alguém tem uma memória dessas é atributo valorativo de alto quilate, embora, aparentemente, ninguém fale do amor — o gesto de trazer as coisas de volta ao peito.

O caso do seu Manassés era o de uma memória de elefante. (Seria um caso de amor?)

Não era raro, naquele tempo, quando ainda não éramos reféns dos meios eletrônicos, que lembrássemos com facilidade de uma dezena de números telefônicos — o dos melhores amigos, o do vizinho, o da padaria, o da escola. Lembrávamos de cabeça as datas de aniversário das pessoas mais próximas. Na escola, sabíamos de cor e salteado a tabuada, os elementos da tabela periódica, o nome dos reinos da biologia. Hoje, os tempos são outros.

*Ubi sunt qui ante nos fuerunt?* Eles se foram.

QUANDO ALGUÉM chegava ao balcão do seu Manassés e perguntava para ele sobre algum livro, ele olhava o código e respondia muito assertivo:

— Sumiu.

— Mas como assim, senhor? Não tem mais o livro?

— Não tem não. Esse livro sumiu faz uns quantos dias. Não devolveram.

— O senhor tem certeza?

— Claro que tenho. Se não tivesse, eu não diria. Não é aquela edição de capa dura do *Tarzan*? Uma edição verde bem bonita, com umas ilustrações em preto e branco?

— É, é esse mesmo — respondia o interlocutor com tom de fala e cara de espanto.

Seu Manassés era o único repositor da Biblioteca naqueles anos 1980. Era responsável pelo controle de entrada e saída de livros. Vivia tanto entre eles que era como se fossem seus. Devolvia-os todos às estantes como que, por mágica, soubesse o endereço de todos, sem se perder.

— POR FAVOR, queria este livro aqui.

— Está vendo aquela estante ali, ó? Você vai até o final dela, na parte de baixo, do lado esquerdo, você vai ver. É bem fácil. Um livro de capa de couro vermelha, meio desgastada já pelo tempo, a costura está um pouco prejudicada, mas não tem página caindo não.

A pessoa, sem acreditar muito, talvez pensando que seu Manassés era meio maluco, ia até a estante e, para sua surpresa, encontrava a tal edição do jeito que fora descrita.

Era como um truque de prestidigitador.

Seu Manassés tinha uma memória fotográfica, alguns diziam. Outros falavam que a memória dele era de arquivista. E alguns, provavelmente os mais corretos, replicavam que a memória dele era de elefante.

E, como é dito sobre os elefantes, ele foi adoecendo, ficando triste e morreu sozinho. Tudo por causa dos novos tempos.

Quando os computadores ocuparam boa parte dos balcões de empréstimo da Biblioteca e dos balcões de consulta, as coisas começaram a mudar. Código de barras, etiqueta numérica, banco de dados — aqueles artefatos tecnológicos cheios de benefícios deram início à amnésia do seu Manassés.

Como um elefante ferido, ele vagava pela savana selvagem das estantes, muitas vezes se perdendo, pedindo ajuda a outros colegas Bibliotecários. Seu carrinho de livros a serem devolvidos às estantes demorava a esvaziar — uma demora incomum em outros tempos.

*Ubi sunt qui ante nos fuerunt?* — perguntava-se com silêncio e tristeza, já chegando próximo àquela idade de virar o Cabo da Boa Esperança.

As perguntas sobre os exemplares de livros rareavam. Os computadores faziam quase todo o serviço. E, sem ser muito requisitado, seu Manassés esquecia — esquecia para não lembrar mais o que já fora. E era esquecido.

— AQUI DIZ que este Umberto Eco está disponível, mas eu não o acho.

— Qual o nome do livro?

— *O nome da rosa*.

— Err... Deixa eu ver, me dá aqui esse número. Ah, sim! É daquela estante ali, naquele setor, está vendo, as plaquinhas indicam certinho o caminho, tem umas etiquetas nas estantes que também ajudam.

Quando se voltou, frustrado, para seu carrinho, foi tomado pelo horror. Encimando outros volumes estava a *Poética*, de Aristóteles. Seu Manassés gelou, suou frio, gaguejou. Parecia uma premonição ruim. E foi.

OS DIAS de esquecimento se sucederam e se acumularam como veneno lambido página a página. Cada livro devolvido às prateleiras era uma sombra, uma desmemória. Seu Manassés foi perdendo a cor, o amor pelos livros, o horário de trabalho, os ônibus. Até que, em uma manhã qualquer, como o túnel depois da luz, seu Manassés não se lembrou nem de quem era, vagou um pouco titubeante pelo quarto, como um elefante em busca de seu cemitério sagrado.

Sem saber mais nada de cor, mergulhado até os cabelos no fundo de um grego rio, esvaziado de amor, o coração do seu Manassés encolheu, contraiu-se e, subitamente, parou.

Manassés encontrou a queda por esquecer e, talvez por isso, como penitência, tenha caído no esquecimento. *Ubi sunt qui ante nos fuerunt?* — foi algo que ninguém mais se perguntou.



## *O curioso do mictório*

*por Carol Paim*

CERTO DIA acordei e não me reconheci. Olhei em volta e meu quarto não era o mesmo com o qual estava acostumada. Pôsteres de mulheres seminuas, time de futebol e carros estampavam as paredes que outrora foram cor-de-rosa.

Busquei na memória um motivo que me levaria a acordar em um quarto masculino, mas nada lembrei. Será que eu havia bebido muito na noite anterior? Será que fui vítima do tão falado golpe “Boa noite, Cinderela”? Comecei a sentir meu corpo e foi então que o susto aconteceu: Onde estava o meu corpo?

Meus seios, dos quais eu reclamava por serem grandes demais, haviam sumido. Minha barriga, que exibia com orgulho, agora estava salpicada de pelos e com uma leve saliência típica de quem come e bebe mais do que se exercita. Minhas mãos estavam ásperas enquanto percorriam meu corpo, mas nenhuma dessas mudanças me desconcertou mais do que o que encontrei entre as pernas. Aquele realmente não era o meu corpo.

Atirando meu cobertor longe, levantei apressadamente e caminhei até o espelho mais próximo. O reflexo que me recebeu não era familiar, mas de alguma forma ainda se parecia com o que conhecia como sendo eu. Os olhos castanhos eram do mesmo tom, os cabelos acobreados também, porém o

comprimento do cabelo, a barba rala e as sobrancelhas grossas definitivamente não eram meus.

Como vi em várias cenas no cinema, comecei a mover as mãos e os músculos da face, aguardando que em algum momento aquele homem à minha frente fosse falhar na repetição, e assim eu pudesse ter certeza de que aquilo tudo não passava de uma brincadeira de mau gosto feita por algum programa de televisão de segunda categoria. O homem nunca falhou, e após vários minutos desisti dos movimentos.

Voltei a me sentar e mentalmente tentei refazer meus passos do dia anterior. Lembrei-me de ter saído da aula de contabilidade com algumas meninas. Fomos almoçar e depois disso tínhamos trabalho a ser feito. Optamos por nos reunir na Biblioteca Universitária. Lembrei-me de que, enquanto esperava pela chegada de todas, caminhei pelo corredor de literatura. Havia tempo que procurava um bom livro de ficção. Minha última lembrança era de estar lendo os títulos dos livros em busca de algum que pudesse chamar a minha atenção.

Remoí, forcei e implorei por ajuda, mas nada surgiu em minha mente. Sem ter o que fazer, nem como lidar com a aquela situação estapafúrdia, fiz a única coisa que pude pensar como correto, que seria refazer meus passos do dia anterior. Com um plano traçado, tratei de colocá-lo em prática.

Colocar as roupas masculinas não fora a coisa mais estranha do mundo, mas o medo de fechar o zíper da calça nas “joias da família” me deixou angustiada. Ajeitei “aquela” parte de um lado para outro. O correto era colocar para a esquerda ou para direita? Eu não sabia. Por via das dúvidas, o deixei pra cima e dei liberdade para que tombasse para o lado que bem entendesse. Escolheu o lado esquerdo. Lado escolhido, cueca colocada, calça, camiseta e um casaco combinando. Os sapatos também precisavam

estar de acordo com o figurino. Aquele corpo poderia não ser o meu, mas eu não sairia desleixada só por isso. Cabelos penteados e a carteira que estava ao lado da cama foi parar no bolso de trás da calça. Eu estava pronta.

Abri a porta do quarto e me vi em uma casa que também não era a minha. Uma mulher estranha falou comigo. Não respondi, apenas continuei caminhando rumo ao que imaginava que seria a saída. Graças a Deus era.

O bairro era o mesmo que o meu. Na verdade, estava a poucas quadras da minha verdadeira casa. Imaginei o que minha mãe diria se eu chegasse e dissesse que era sua amada filha única em um corpo de homem. Com certeza iria fazer um escândalo e chamar a polícia, alegando que eu estava drogada. Ela não iria acreditar nesse corpo de homem.

Quando cheguei à Biblioteca, nada parecia diferente. Os mesmos procedimentos, os mesmos rostos, os mesmos corredores e prateleiras. Tudo igual.

No corredor de literatura havia outro rapaz. Ele lia os títulos dos livros da mesma forma como eu havia feito no dia anterior. Quase tive vontade de gritar para que ele não fizesse isso, mas o movimento que ele fez ao retirar um livro da prateleira me chamou a atenção. O reconhecimento da cena desenvolveu uma sensação de *déjà-vu* em mim. Lembrei-me de ter pegado aquele mesmo livro no dia anterior, mas não conseguia me lembrar do nome do livro. Algo gritava em minha mente, que aquele livro era a chave para solucionar o meu problema.

Antes que eu pudesse pedir ao rapaz para ver o livro, ele o colocou embaixo do braço e seguiu caminhando. Como um perseguidor, o segui. Para minha surpresa, ele foi direto para o banheiro masculino ainda carregando o livro embaixo do braço. Eu não podia acreditar que ele estava levando o livro para o banheiro e internamente rezei para que não fosse lê-lo enquanto fazia suas necessidades.

Esperei alguns segundos do lado de fora do banheiro, mas logo a curiosidade me venceu. Eu, em meu corpo de garota, nunca havia entrado em um banheiro masculino. Entretanto, aquele não era um corpo de garota, e o fato de estar no banheiro masculino não seria estranho, por isso entrei. Sem saber o que fazer, vi o rapaz parado de frente para o mictório, o livro embaixo do braço e a outra mão ocupada enquanto fazia xixi. Eu precisava descobrir que livro era aquele. Então, imitando-o, parei ao seu lado, baixei o zíper da calça e, meio sem jeito, comecei a fazer xixi também.

Em vez de mirar ou prestar atenção no que eu estava fazendo, meus olhos foram atraídos para o livro. Uma capa em um tom de bege com detalhes escuros. Dava para ver algumas letras do que supus ser o título, mas não tinha certeza. Então, sem pensar, inclinei-me levemente para frente e para mais perto do rapaz, na intenção de ver o livro mais de perto.

Foi aí que a confusão começou.

Sem entender meu interesse, o rapaz, que era alto e forte, sentiu-se incomodado. Com rapidez fechou suas calças e tratou de me xingar, chamando-me de pervertido e dizendo que deveria me envergonhar de ficar olhando outros homens daquela forma. Tudo isso dito em voz alta e de maneira não tão delicada como estou descrevendo.

Tentei explicar que não estava olhando para ele, e sim para o livro que estava firmemente preso embaixo de seu braço. Os xingamentos e empurrões foram me assustando e acuando. Tentei me desculpar, disse que não tinha nem visto a parte do corpo que ele berrava que eu estava olhando. Isso o ofendeu ainda mais.

— Está dizendo que você o achou pequeno? — Ele berrava e me empurrava.

Não demorou muito para que curiosos chegassem e se inteirassem sobre o que estava acontecendo.

— Ele estava olhando o outro mijar — alguém contou para outros que chegaram e ainda não sabiam o motivo da confusão.

— Ele estava dando em cima de mim — o rapaz confirmava, enquanto eu gaguejava, tentando explicar que não era nada daquilo.

O circo estava armado, e eu era o palhaço contratado.

Não demorou para que a segurança fosse chamada. Sem muita delicadeza, me convidaram a ir embora, e, sem ter outra opção, obedeci. Com o pé na porta de saída, virei-me para o rapaz, que agora se acalmava, e perguntei:

— Você poderia ao menos me dizer o nome do livro?

Ele voltou a se exaltar, pedindo para que eu fosse embora antes que reconfigurasse meu rosto. Saí da Biblioteca sem saber o nome do livro, com fama de *gay* tarado, e, sem prestar atenção em mais nada, atravessei a rua. Ouço o som de buzina, pneus freando e vejo um carro vindo em minha direção.

Dei um pulo na cama. Suor escorre pelo meu corpo, junto com uma leve dor de cabeça. Tateio rapidamente e descubro que dessa vez meu corpo é realmente o meu corpo. Sou uma garota. Foi apenas um sonho louco, penso eu.

Mais tarde, naquele mesmo dia, quando chego à Universidade, não se falava em outra coisa. O burburinho corre entre os corredores, e de prédio em prédio todos vão ouvindo falar do que aconteceu no banheiro da Biblioteca. Ouço os bochichos, mas não presto atenção. Eu conheço a história. Eu sei o que aconteceu. Sei com detalhes, pois era eu o curioso do mictório.



## *O fugitivo e o livro*

*por Jaime Ambrosio*

BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA, antes da era das câmeras de monitoramento, do ambiente climatizado e dos pufes para descanso.

O sujeito com cara de poucos amigos, ou de nenhum, chega e vai logo dando o recado à moça que cuidava da catraca: — Se avisar a polícia, leva bala (e mostra o revólver que carrega na cintura).

Cada um que me aparece! — pensou. Queria mesmo era o garoto que vende pastel de carne moída com queijo, pra preencher o vazio da tarde no estômago. Mas cadê o moleque?

Pela roupa que usava não havia dúvida: era um fugitivo, o sujeito. Sim, Letícia tinha ouvido alguma coisa sobre uma fuga naquele dia. Não falou nada, deixou o rapaz passar, afinal a vida era uma só, e à noite ela iria sair com o Fabrício, seu novo namorado, o primeiro encontro pra valer.

O pressuposto fugitivo se embrenhou num corredor de livros, como quem conhecia o trajeto, como quem sabia o que desejava. Apanhou um volume, sentou-se à mesa de leitura e começou a devorar o texto, com muita fome, como um condenado.

Letícia deduziu que era uma pessoa inteligente, porque nunca a polícia iria procurar um foragido dentro de uma biblioteca. Mas, por outro lado,

achou-o estranho, misterioso, afinal não estava executando a fuga, estava lá, lendo um livro como se fosse um estudante, um leitor qualquer.

O tempo passando.

A história, no livro, passando.

A vida passando. A vida real, a vida inventada.

Letícia espia, sorrateira. Ele alheio a tudo, a todos, mergulhado num mar de palavras. Absorto.

Louco, ela pressupõe. Perigoso?

Se chamasse alguém, se o denunciasse, o que poderia acontecer? Um fugitivo e uma arma, uma história de não ficção, fragmento do cotidiano, documentário da vida urbana. Letícia e o autor da crônica conjecturando.

O que ele lê? Qual livro? Setor de literatura estrangeira, só o que Letícia sabia.

E se fosse até lá conversar com ele? Não, nem tudo vale a pena, a vida pode ser por um triz, e à noite ela tinha um encontro.

Estava quase chegando ao fim do turno de trabalho. Mas aquele sujeito a intrigava. Quem era? Que crime cometera? Por que ficava lendo um livro se podia fugir? Talvez porque o mundo seja mais vasto e impressionante nas estradas da ficção, nas encruzilhadas da literatura. Sim, Letícia divagava que era só o que podia fazer naquela situação. E qual livro seria? Que história contava?

Então ele fecha o livro, que terminou, levanta-se, calmamente, e o coloca no exato lugar de onde o tirara. Depois se aproxima de Letícia. Está tranquilo, como quem cumpriu um objetivo, um desejo.

— Agora, moça, pode chamar a polícia — e informa seu nome, fulano, um foragido da Penitenciária da Agrônômica.

A vida, um livro de interrogações. A vida que segue. A incerteza do amor era ainda maior. Letícia vai se encontrar com Fabrício. Quem será Fabrício? Que essência terá? Seria ele o homem da sua vida, um predestinado? Ou se tornaria um fugitivo dela?

Conforme o combinado, lá estava ele, na praça de alimentação do *shopping*, sentado. E lia, ou apenas folheava um livro, talvez para impressioná-la. Ou não. Letícia e os livros, uma relação umbilical. Desde pequena. Agora faz Biblioteconomia na Universidade. Desta vez saberá qual é o título, o autor. Letícia acredita que é possível conhecer a personalidade de uma pessoa através do tipo de leitura.

Senta-se e sorri para Fabrício.



## *O Gobêri*

*por Marcio Markendorf*

### I

ERA UMA vez: o verão de 2004. Ou alguma coisa assim.

Parecia ser um dia como qualquer outro. O lado de fora, permeado pelas paredes envidraçadas da Biblioteca, oferecia a visão de um dia tranquilo. Quente como só pode ser a estação das férias. O mormaço subindo pelas calçadas e pelo asfalto, 35 graus nos termômetros, tudo na sua ordem trivial. Mas nem tudo é o que parece ser. Não à primeira vista.

Quando o Bibliotecário pôs os olhos naquele sujeito, presentiu que algo incomum estava para acontecer. Um cara de 45 anos estimados, trajando roupas simples e um tanto surradas, aproximou-se, lento, de sua mesa. Havia machucados nas mãos, arranhões no braço, um corte próximo do supercílio.

Vamos chamá-lo, por ignorância mesmo do nome, de: Sujeito.

— Queria fazer uma pesquisa — ele principiou.

— Pois bem, do que se trata? Como posso ajudá-lo? — perguntou com seriedade o Bibliotecário.

Bibliotecários têm um Código de Conduta. Algo inspirado — dizem — nas medievais ordens de cavalaria. Ao menos no que diz respeito às virtudes primordiais que a ficção insiste em acentuar e a História dá várias

mostras de discordar. Mas as divergências entre literatura e realidade aqui não importam. Importante saber que o professorado código é: atender bem a quem busca o conhecimento daqueles sagrados umbrais. E não é porque alguém apareceu naquele estado que as coisas seriam diferentes. Mas seriam. Em parte.

— Não posso dizer. Não ainda.

— Então, fica difícil — replicou o Bibliotecário.

— Bem, se assim é, quero saber sobre \*\*\*\*\*.

(Nesse exato momento, um som anormal — seguido de um estampido — impede que seja revelado o tema de pesquisa do Sujeito, nada podendo o narrador fazer, senão se conformar com o mistério.)

E lá se foi o Bibliotecário em busca de materiais de referência.

O Sujeito olha daqui, olha de lá. Folheia livros, olha figuras, fica de reviro nas revistas, busca tudo, encontra nada. Funga, suspira, coça a cabeça. Pede mais alguns livros. Repete tudo: olha daqui, olha de lá. Folheia livros, olha figuras, fica de reviro nas revistas, busca tudo, encontra nada. Funga, suspira, coça a cabeça. Pede mais alguns livros.

— Obrigado. Não encontrei o que eu queria — pausa dramática. — Sabe o que eu queria mesmo? — outra pausa igual.

Aparentemente arrependeu-se do que ia solicitar, deu as costas ao Bibliotecário e partiu como veio, caminhando lento para fora do recinto.

## II

O DIA seguinte começou também iluminado. As coisas no seu devido lugar, os livros voltando para as estantes; os instantes tão comuns e quentes como se fora ontem. Não fosse aquela repetida aparição morosa de um Sujeito incomum. *Déjà-vu*.

Assim como um Código de Conduta, os profissionais da informação também possuem senso de humor. Por isso, tão logo o Bibliotecário viu o Sujeito cruzando a porta com seu caminhar pé de pano, deixou que sua colega Bibliotecária o atendesse.

O Sujeito repetiu o pedido do dia anterior.

— Queria fazer uma pesquisa.

— Sobre o que o senhor quer saber? — indagou a solícita Bibliotecária.

— Gobêri.

— Desculpe, não entendi.

— Go-bê-ri.

— O senhor quis dizer Golbery? O general Golbery do Couto e Silva?

— É isso, isso mesmo, isso aí. E alguma coisa sobre a ditadura, aquele Médici, o AI-5.

Ela bem poderia ter dito alguma coisa, se queixado da imprecisão da busca, mas nada saiu de sua boca, nem sequer um murmúrio de desaprovação. Bem poderia ter feito, ainda que em pensamento, algum mau julgamento, mas nada pensou.

— Aguarde um instante, sim? — e lá se foi a Bibliotecária em busca de materiais de referência.

O Sujeito olha daqui, olha de lá. Folheia livros, olha figuras, fica de reviro nas revistas, busca tudo, encontra nada. Funga, suspira, coça a cabeça. Pede mais alguns livros. Repete tudo de novo: olha daqui, olha de lá. Folheia livros, olha figuras, fica de reviro nas revistas, busca tudo, encontra nada. Funga, suspira, coça a cabeça. Pede mais alguns livros.

— Obrigado. Não encontrei o que eu queria — pausa dramática. — Sabe o que eu queria mesmo? — outra pausa, mais longa do que a anterior e mais acentuada que a do dia anterior, porque ficou ressabiado. Afinal, ela

era mulher e não sabia, nesses casos, como proceder, nem se deveria pedir *aquilo* a ela.

Aparentemente arrependeu-se do que ia dizer, deu as costas à Bibliotecária e partiu como veio, caminhando lentamente para fora do recinto.

O Bibliotecário, não se contendo de mais risos — como não deve um profissional da informação se exceder durante o serviço —, foi ter com a colega e confessou seu folguedo. Uns bons livros teriam voado na cabeça dele se não fosse o bom e velho Código de Conduta que os unia, algo entretecido de virtudes tão valorosas quanto o humor. Deram risadas os dois do ocorrido. Discretas, para não atrapalhar o silêncio de um lugar de estudos como aquele.

### III

A MESMA cena se repetiu no dia seguinte. Desta vez, o Bibliotecário tomou à frente. As coisas aconteceram do mesmo jeito até aquela pausa dramática final, antes do arrependimento. O Sujeito, um pouco mais confortável no ambiente por ser a terceira vez que ali estava, suspirou, olhou para os lados e finalmente fez o pedido:

— Bem, sabe o que é, senhor? Faz pouco que eu fugi da polícia, do DOPS, e eu queria que você me ajudasse...

Um silêncio de desconforto adensou o ar ao redor. Não por causa do teor do pedido, mas porque o Bibliotecário sentiu-se traído em sua função: tinha perdido seu tempo em busca de informação para um usuário que queria outro tipo de auxílio, escuso, escuro, esquisito. Totalmente avesso aos requisitos de sua profissão.

Olhando bem nos olhos do Bibliotecário, o Sujeito prosseguiu:

— E eu queria que você me ajudasse a libertar meus companheiros que estão presos em Brasília. Eu estava pesquisando algo para um plano de fuga e não achei nada.

Explosão inesperada de risos.

Alguém pediu silêncio em uma mesa próxima, colocando o dedo indicador na frente dos lábios e fazendo aquele chiado característico. O leitor incomodado foi respondido com acenos de cabeça pedindo desculpas.

Novamente olhos nos olhos, veio ao rosto um riso nervoso no Bibliotecário; um riso de cumplicidade no Sujeito. Depois, um silêncio constrangedor alargou o espaço entre eles.

— Só um minuto, eu já retorno — disse o Bibliotecário.

O Sujeito assentiu com um sorriso, agradecido pela esperança de alguma ajuda.

O Bibliotecário não sabia o que fazer. Se insistisse no fato, a situação iria se repetir infinitamente, como em um *looping* infinito. Era preciso dar um basta àquilo. Mas como? O que fazer sem violar o Código de Conduta dos Bibliotecários? Se não está previsto, se não está disposto nas funções de um profissional da informação, não era um problema exatamente dele. Obviamente ninguém iria esperar que mais hora menos hora alguém surgisse em um órgão público como a Biblioteca Central pedindo socorro para um resgate de... criminosos? Não devia ser uma história real, o Sujeito devia, na cabeça dele, estar preso aos anos 1970. Talvez tenha sido vítima dos porões da tortura, fugido das garras do extinto Departamento de Ordem Política e Social, o DOPS, encontrado a liberdade, a insanidade temporária, o surto. Ou deviam apenas ser aqueles dias suarentos de verão, esquentando a cabeça, requentando os pensamentos. O Bibliotecário teve a

impressão de ter caído em uma armadilha. Era trabalho demais para resultado algum. Rezou para o santo protetor dos Bibliotecários, pediu iluminação, graça, auxílio. Perdeu-se entre as estantes, esquivou-se entre os livros, orientou outros usuários pelo caminho, como se os levasse pelas mãos nos bosques da ficção e não ficção.

Quando voltou à sua mesa, nenhum sinal do Sujeito. Provavelmente havia desistido de esperar. Afinal, para alguns, contrariando o saber popular, quem espera, nunca alcança. E alcançar os colegas presos em Brasília era preciso. Na cabeça dele, claro.

Na história profissional daquele Bibliotecário, foi o único pecado cometido por omissão de informação. Por isso, nunca foi esquecido.

## *O guardião de livros*

*por Nilson Weber*

Uma biblioteca é uma das paisagens mais lindas do mundo.

Jacques Sternberg

### **I**

Passo a passo,  
sentinela passas  
pela cidadela  
de papel impresso,  
pouco a pouco  
cursas os labirintos  
da fortaleza infinda.

Excelsa babilônia  
te contempla  
dos corredores  
que atravessas.  
De sutil entranha  
cada sombra  
teu olhar vislumbra  
ao volátil intento.

O ar inspiras  
do recinto perfumado  
pelo cheiro  
do livro recém-aberto;  
o espaço impregnado  
pelo odor  
do livro antigo,  
os alfarrábios  
desde há muito manuseados.

Cauteloso, espreitas  
a noite vogar  
sob o calor das lâmpadas,  
languidamente  
o dia clarear nos vitrais  
da enfarada esfera.

Alta torre  
de livros refulge ante  
tua humana face,  
pela estrada colorida  
que transpassas  
diligente;  
visões de ilhas que a vastidão  
soergue à margem  
das prateleiras.

## II

O vigia  
não abre a luz dos livros  
como um lavrador  
que a terra arasse,  
não sabe tudo que lhe cabe  
à palma da mão  
se assim acaso o fizesse.

Mas zela por eles  
como um fiel escudeiro,  
pois há  
os que desejam  
macular os livros,  
os que planejam  
sua desgraça,  
os que o manejam  
com desafeto,  
os que arquitetam  
seu furto e mutilação.

## III

Mil e mais noites  
destecem o novelo  
da tua ronda rotineira,  
a luz opaca  
reflete a orla  
tranquila dos papiros;  
a agrimensura  
dos mapas de toda  
nossa vã filosofia.

Teus olhos  
esmiúçam as vias  
de ladrilhos,  
percorrem os altos  
paredões  
de dourados  
frontispícios,  
o magnífico contorno  
das lombadas  
perfiladas,  
a frágil grafia  
das nomenclaturas.

A Biblioteca  
pulsa como uma densa  
floresta,  
em cada tomo  
uma babel se edifica  
com palavras sobrepostas,  
cada página  
um registro grafa  
na frente branca do papel;

hemisférios de imagens,  
totem de vertigens;

a terra coligida  
de todas as ciências lateja  
sob o templo que habitas.

**IV**

Seja noite, seja dia.  
Haja luz ou penumbras,  
o guardião patrulha.

Ali também  
estão Ali Babá  
e o Alcorão  
de Alá,  
o panteão dos deuses  
esquecidos,  
a Bíblia,  
as encíclicas,  
os ciclos do infinito,  
a Torá,  
os tratados,  
narrativas de reinos  
devassados,  
fulgores de impérios  
derruídos.

**V**

Mas é preciso  
velar os livros  
como quem cuidasse  
dalgum filho,  
dalgum cofre,  
da fonte inesgotável  
de todo o conhecimento.

Quiçá um vulto  
saltasse dum livro  
no breu da noite infensa,  
quem sabe na figura  
dalgum fantasma  
um espectro aparecesse,  
um ente mítico  
se materializasse  
para dividir contigo  
a espaçosa mansidão  
das madrugadas!

Mas a solidão  
escura das estantes  
somente maquinam a passagem  
das horas nos relógios,  
nada mais te ofertam  
que o inexato mistério  
dos livros fechados.

O guardião de livros  
observa o trânsito frenético  
dos alunos na busca incessante  
por conhecimentos.

## VI

Todavia, o que dirão  
todos estes livros, afinal?  
Quantas matérias  
por ser estudadas?  
Quantos reis,  
quantas leis terão?

Quantas palavras  
mais ainda juntar-se-ão  
para iluminar os salões  
de tamanha montanha?

O guardião transita  
pela geométrica arquitetura  
dos livros reunidos sob o céu  
da catedral imensa.

Mas não está sozinho:  
Ali Ismália

lhe espera sob as luas  
de vigílias;  
as iliadas,  
os lusíadas,

os idílios,  
os concílios,  
os conselhos,

os moinhos  
de Quixote;  
os sabores,  
os saberes,  
os significados  
de todas as letras.



*O voo do carcará*  
por *Roberta Moraes de Bem*

Carcará: *caracaraplanicus*, espécie de ave pertencente à família dos falconídeos. Caracteriza-se pela sua “boina” preta e bico vermelho. Não é uma águia nem um falcão, seus gostos alimentares não são bem definidos, sua alimentação se dá pela situação. Possui hábito oportunista, alimentando-se de presas fáceis: insetos, anfíbios, roedores, filhotes de mamíferos, frutas, carniças.

Compêndio Universal de Aves Falciformes

O CARCARÁ que lhes apresento, tal como seu espécime, é oportunista, foca-se em outro tipo de alimentação, a alimentação da alma, do preenchimento do saber: ocupa-se em traçar, por meio de seus voos rasantes, as presas que irão compor seu menu. Neste contexto, o carcará em questão está na Biblioteca.

**Presas nº1:** O jovem e simpático senhor da catraca. Sempre aos finais de tarde estava lá, o seu Demétrio, para iniciar sua jornada de trabalho. Muito

conhecido pelos estudantes, alegre, cômico, praticamente uma figura folclórica. Despeja seu verbo repetidamente:

— Ei! *Essaminina* não pode entrar com bolsa.

— Querido, o cafezinho tens que tomar aqui, tá? — disse seu Demétrio ao alertar um usuário que preferia tomar seu café olhando as estantes.

— Psiu! A entrada é pelo outro lado, tens que rodar a catraca. É a contagem da Biblioteca. Sabes *comé*?

E, nessa rotina agitada, seu Demétrio conseguiu observar a presença do dito Carcará. Olhos vidrados, duros, sem vida e ao mesmo tempo vivazes de uma névoa de melindre. O rapaz passa rapidamente pela recepção da Biblioteca, quase derrubando a catraca ao tentar, por duas vezes, acertar a única entrada disponível. Seu Demétrio apenas observava com a sapiência de quem reconhece um carcará só pelo olhar.

— Querida, carcará subindo a rampa — por telefone, seu Demétrio avisa uma Bibliotecária sobre o embrenhamento de sujeito suspeito.

**Presa nº2:** Altair, que tinha no nome a única modalidade de altura da qual poderia considerar, já que se aproximava de 1m52cm, quando de tênis. Apesar de bastante experiência com os livros, não possuía tamanha habilidade com as pessoas.

— Moço, eu quero o livro do Lúçifer — desembuchou o carcará.

Altair ficou assustado ao olhar para aquele indivíduo um tanto tosco, mas recorreu a seu fichário mental para tentar, por associação, como que no uso de um *thesaurus*, lembrar de que autor se tratava aquele. Porém, ao entender que Lúçifer não tinha obras depositadas na Biblioteca, Altair abriu a boca como que para pegar ar, e diante daqueles olhos esbugalhados, decidir pedir ao usuário que aguardasse, pois ele iria falar com uma Bibliotecária.

— Marilda, tem um usuário lá meio doido querendo o livro do Lúcifer. Não sei o que fazer. O Lúcifer não é o coisa ruim? — indagou Altair.

**Presença nº3:** Bibliotecária experiente e articulada, com anos de atendimento ao usuário sabia melhor lidar com usuários exóticos, já que, estes, não foram raros em todos os seus anos de profissão.

— Altair, você tá branco, homem! Deixa que eu resolvo isso, seu *mazanza*, o Demétrio já havia me avisado que um carcará subia a rampa — disse Marilda, tranquilizando seu colega que não precisaria lidar com aquela situação.

— Onde ele está?

— No sofá, ao lado das coleções de teses e dissertações — respondeu Altair.

Marilda, *ladina* como uma boa manezinha, espiou o usuário de longe, antes de encará-lo, com o intuito de fazer um “raio x” e identificar qual o nível de anomalia do sujeito. Era inquieto, parecia nervoso, usava calça jeans, tênis e uma camiseta polo, porém a gola estava torta como se alguém o tivesse puxado pelo colarinho. Marilda calculou: *esse carcará é dos afetados, se ele quer o livro do Lúcifer e está assim agitado, deve estar querendo um corredor pro inferno. Preciso pensar em algo com figuras e imagens até que eu tenha tempo de entender do que realmente se trata. Há variadas interpretações e usos da palavra lúcifer (o que leva a luz, o brilhante, satanás), mas a julgar pelo aspecto do indivíduo e pela fisionomia de Altair, a família do satanás seria a mais coerente, o que não era um bom sinal. Vamos ver.*

— Boa tarde. Não temos o livro que você pediu, mas posso te dar umas coisinhas aqui pra ti ler, tenho uns aqui que apresentam dimensões bem diferentes e podem ajudá-lo a buscar o que procura — disse Marilda ao entregar-lhe dois exemplares de livros de desenhos 3D, que apresentam métodos de visualização de imagens tridimensionais.

— Eu não quero esses, quero o livro do Diabo, tenho bem mais livros do que essa Biblioteca. Não é possível que vocês não tenham o livro que eu quero — surtou o indivíduo.

Nesse meio tempo, Expedita percebeu que tinha algo errado.

**Presa nº4:** Expedita, Bibliotecária, igualmente experiente. Aproximou-se disfarçadamente para ouvir a conversa e ajudar a colega que visivelmente estava tentando contornar uma situação menos trivial.

— Você não é daqui, né? — indagou Marilda.

— Não, eu venho de outro lugar — respondeu o carcará, ratificando a preocupação de Expedita, que imediatamente ligou para a segurança do *campus*, alertando sobre o sujeito.

**Presa nº5:** O segurança, sujeito antenado com a comunidade culposa, reconhecia, rapidamente, um carcará, como conceituara seu Demétrio.

— Venha, vou levá-lo até o carcará. Ele está bem ali naquele sofá — balbuciou Altair ao perceber que o carcará havia desaparecido, voado, diante de seus olhos.

Depois de algumas horas de conversa — descrição física do sujeito, resgate das imagens das câmeras, etc. — tem-se a definição da taxonomia do carcará. Reino: *luciferis*; filo: animal; classe: sem classe; família: desconhecida; gênero: assassino, lunático, esturpador; espécie: foragido da penitenciária há 1 dia.

## *Obras raras*

*por Kátia Rebello*

O JOVEM sentado a minha frente parecia nervoso e agitado com a situação. Ajeitou-se na cadeira. Passou a mão pelo cabelo. Pigarreou.

— Se eu disser para a senhora que me arrependo, eu estaria mentindo, doutora! — explicou-me de maneira polida.

— Isso que o senhor fez tem nome, senhor Rafael!

— Nome e sobrenome, doutora. Todos em ordem alfabética, e o assunto, conforme a Classificação Decimal Universal.

Contive a raiva.

Ora, veja só que insolente! Pensei comigo. É alguma piada? O caso era sério! Mas ele não parecia estar brincando. Muito pelo contrário. Sua fisionomia demonstrava uma grande responsabilidade com aquilo tudo.

— A senhora vai entender que eu salvei aquelas obras raras...

— Salvou? Por quê? Elas corriam perigo?

— O maior perigo de todos! — respondeu-me, espremendo os olhos e balançando a cabeça, num gesto afirmativo.

— Qual perigo aquelas obras raras corriam, senhor Rafael?

— O perigo do esquecimento, doutora. Estavam todas lá... Empoeiradas... Abandonadas! E eu as resgatei. Eu vou lhe contar o que aconteceu.

Eu sempre amei os livros. Desde menino! Trocava a bola, o futebol no campinho do bairro pela leitura nas tardes na biblioteca da minha cidade. Convivi com autores toda a minha vida! Conheci Homero ainda jovem. Machado de Assis era minha companhia constante nas tarde de domingo. Declamando um poema de Clarice Lispector eu conquistei a primeira namorada, que, por coincidência ou não, também se chamava Clarice!

Troquei a biblioteca da cidade pela biblioteca da escola. E, mais tarde, pela Biblioteca da Universidade.

O Curso de Biblioteconomia foi só um pretexto para estar entre os livros. Há quem prefira a companhia dos homens... Eu sinceramente os acho uns loucos! Ah, os clássicos! As capas corroídas pelo tempo e o manusear dos leitores... Nunca me agradaram os livros novos. Não! Rijos e cheirando a tinta. Eu preferia aqueles calejados, com as folhas gastas pelos dedos dos tempos de outrora. A senhora já imaginou quantas impressões digitais podem conter as páginas dos livros antigos? Então pode imaginar quantos olhos pousaram sobre as obras raras. Olhos que visualizaram outras épocas.

Aqui na capital, como bolsista da Biblioteca Universitária, me deleitei no universo do meu maior prazer: livros, documentos e periódicos raros. Eu me sentia parte do lugar! Numa perfeita simbiose eu me mimetizava entre os clássicos nas estantes.

O trabalho nunca foi obstáculo para mim. Considero-me um eficiente bolsista. Disso eu posso me orgulhar...

No início... Eu batalhei muito para conseguir aquela bolsa. Estudava de manhã, almoçava no RU e à tarde trabalhava como estagiário na Biblioteca Central. Confesso que subia com orgulho a rampa todos os dias! Colocar em prática o que eu aprendia em sala de aula era gratificante. Fui escalado para estagiar no Setor de Obras Raras.

Num certo entardecer, a chuva lavava as paredes envidraçadas da Biblioteca, e a noite se mostrava através dos vidros espelhados. Para quem olhasse da rua, as paredes deixavam de existir. E do lado de dentro víamos nosso próprio reflexo. Intrigante esse vidro espelhado! Eu me encontrava entre as estantes do Setor de Obras Raras, por não ter coragem, nem guarda-chuva para voltar para casa... Foi quando eu ouvi pela primeira vez aquela súplica. Algo como um murmúrio.

A senhora sabe como é o Setor de Obras Raras?

É como um túmulo, só que, ainda mais silencioso e abandonado. Poucas pessoas pesquisam ali. Eu passava o dia organizando documentos, periódicos, sem que viva alma perturbasse o meu trabalho. Mas à noite... Ah, à noite tudo se transforma!

E foi quando eu ouvi o pedido de ajuda...

— Me leva pra casa...

Girei nos calcanhares e procurei pela figura do funcionário.

Ninguém.

— Me tira daqui!

Novamente corri o olhar pelas estantes. Nada!

A voz vinha de entre os livros. Ou melhor, dos próprios livros. As súplicas não cessavam! Encostei meu ouvido na lombada das brochuras. Volumes empoeirados manifestavam sua dor pelo esquecimento e abandono. Autores clássicos da literatura de Santa Catarina: Delminda Silveira, Trajano Margarida, Virgílio Várzea, Luiz Delfino, Cruz e Sousa. E tantos outros... Obras raras! Todos implorando que eu os atendesse! E, dia após dia, eu resgatei as pobres almas, embrulhando-as cuidadosamente em papel pardo, com cordão. Se me perguntavam o que eu fazia saindo da Biblioteca com pacotes, respondia que eram doações.

Foi o que eu fiz durante os dois anos em que atuei como aluno bolsista no Setor de Obras Raras, na Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina, doutora delegada. Não nego! Fiz com que aquelas obras circulassem nas mãos dos leitores.

— O senhor roubou os livros e vendeu caixas e mais caixas para o sebo, senhor Rafael. O senhor está aqui na delegacia porque a dona da loja o denunciou! Amanhã cedo ela estará aqui com mais duas testemunhas, a Bibliotecária e o funcionário que trabalhavam com o senhor — respirei fundo. Chamei o guarda de plantão e ordenei. — Pacheco! Tira as algemas dele e o coloca junto daquelas “obras raras” na sala de triagem. Selecciona o meliante pelo assunto da Classificação Decimal Universal. E, presta atenção, o coloca em ordem alfabética do sobrenome!

Pacheco não entendeu, mas soltou uma sonora gargalhada.

## *Os três pupilos*

*por Adris A. de Almeida*

“UM FANTASMA”, pensou o motorista quando viu o rapaz pálido vestido de branco pisando o segundo degrau do ônibus.

“Um estudante de medicina”, pensou o cobrador quando o jovem puxou do bolso o passe universitário.

“Um médium”, pensou a senhora na quarta seção de poltronas à direita, guardando, ao seu lado, o único lugar vago da condução.

— Sente-se aqui, ou você vai acabar se machucando! — disse a senhora gorda e suada ao ver o rapaz pálido dançando pelo corredor ao ritmo dos sinais de trânsito.

O rapaz, não olhando diretamente para ela, fez sinal negativo.

— Pois então se segure nas barras! — advertiu a mulher.

O rapaz continuava a dançar, não dando atenção à senhora. Não demorou muito para um cachorro infeliz se atravessar na frente do ônibus. Com a brecada, o jovem foi parar no colo de um senhor com roupas sujas de argamassa.

— Ei, cuidado! — gritou o homem. — Você fica dançando no corredor que nem gelatina. Se não quer sentar, então trate de se segurar com força!

O jovem de branco, com uma cara descontente, tirou do bolso um par de luvas de látex. Só depois de pô-las nas mãos é que, com muita inspeção, segurou uma das barras verticais do ônibus.

No trajeto, ficou se remexendo em volta da barra com os trancos do veículo. Os olhos, fixados para além da janela, denunciavam a sua vontade de não estar ali. Provavelmente, estava fitando as nuvens que se estendiam ao longo do céu e do mar. Sua expressão, quando variava — o que era muito sutil —, variava no momento em que algum prédio tapava sua visão. As nuvens que se refletiam nos carros não o deixavam à vontade. Quando perdiam sua brancura contra os vidros empoeirados dos prédios, o rapaz perdia também a calma. E seus pés ficavam agitados, como se houvesse formigas dentro dos sapatos. E suas mãos se apertavam contra si como se dentro da luva não houvesse talco, e sim pó de mico.

A dança só cessou quando o ponto de parada fez o veículo reduzir a velocidade.

— Ah, angústia! — gritou o rapaz, quando pulava do ônibus.

— Luciano! — uma voz rouca bateu em seus ouvidos.

Enquanto tirava, com dificuldade, as luvas das mãos, uma mulher vinha em sua direção.

— Oi, dona Luísa, como a senhora está? — disse com muita concentração.

— Estou bem! Está preparado para o trabalho? Os seus colegas se apresentaram ontem. Acho que formarão uma bela equipe! Vamos entrando na sua nova casa. É claro que já a conhece, mas vou apresentá-la oficialmente...

Enquanto a mulher falava, Luciano disfarçava sua náusea. Ele se lembrava do suor no rosto da mulher gorda; da barba grisalha do homem sujo de argamassa; do cheiro de óleo diesel do ônibus.

... A Bibliotecal!

Quando a Bibliotecária se voltou para ver o mais novo pupilo, imaginando a felicidade em seu rosto, lá não estava mais. Antes da apresentação do lugar, ele havia pegado um atalho para o banheiro.

OS COLEGAS de Luciano já estavam lá, recebendo as primeiras orientações, quando Luísa chegou à sala.

— Obrigado, Ana. Pode deixar os dois comigo — disse a Bibliotecária a uma das atendentes, encarregada de passar as regras do lugar.

— Bom dia. Vocês, a partir de hoje, fazem parte da família da Biblioteca! Aqui trabalhamos em equipe, sempre! Catalogar é nossa missão; achar livros perdidos é nosso desafio; resgatar livros das mãos desonestas é nosso dever. Agora, todos em pé! A Biblioteca é a alma da nossa casa; se falharmos, falhamos com o conhecimento. Mãos ao peito! Repitam comigo: Prometo não trocar nenhum livro de estante; não levar nenhum escondido na mochila; não alugar ou vender obras raras; não esconder nenhum exemplar a fim de não catalogá-lo; não mentir para o público que já leu o livro e não gostou; não usar as folhas soltas dos livros para embrulhar nada — ouviram? — nada mesmo! E, principalmente, não usar livros como calço de mesas ou cadeiras. Ao transgredir uma ou mais regras, eu — digam o nome bem alto! — aceito as punições devidas e justas aos meus atos.

Depois dos juramentos devidos, os dois bolsistas sentaram-se a suas mesas e começaram a lançar informações de uma pilha de exemplares. Luciano chegou logo em seguida; agora menos pálido que antes.

— Desculpe-me, senhora Luísa. Não estava me sentindo bem.

— Ah, rapaz! Não tem problema. Mão ao peito! — com uma voz firme e olhar penetrante, a Bibliotecária se dirigiu ao recém-chegado.

— Hem?

— Ora, rapaz. A Biblioteca é a alma da nossa casa; se falharmos, falhamos com o conhecimento. Não tenho todo o tempo do mundo... Mão ao peito! Repita comigo...

Os dois bolsistas riam baixinho enquanto Luciano, sem entender nada, mas com certo medo, repetia o juramento.

— Como chegou por último, vai tirar o pó dos livros raros — sentenciou a mulher.

— Eu? Eu não posso ver pó! Meu nariz coça; minhas mãos suam; eu tenho dor de barriga... Por favor, tudo menos limpar livros! — implorou o mais novo empossado.

Como o rapaz fazia um drama danado, o maior, lá no canto, estava dando gargalhadas. A Bibliotecária, então, transferiu a sentença:

— Você, Titanic, venha aqui!

— Eu? — respondeu o rapaz com o dedo indicador apontado para si.

— Você mesmo — reafirmou a mulher. Vá no lugar do “Mãos de seda” aqui e deixe a seção dos livros raros uma verdadeira raridade!

ENTÃO, LÁ se foi o grandão, cabisbaixo, organizar e limpar livros... O que Luísa não imaginava era que, ao deixar o Titanic vagar em outras águas, ficaria ali um verdadeiro *iceberg*, fincado na cadeira em frente ao computador. O bolsista, que antes ria acompanhado do colega alto, mal e mal se mexia em frente ao monitor. Antes de finalizar a primeira inserção de dados, paralisou seu tronco. Apenas os olhos e os dedos pareciam ter vida.

Ele mal respirava. Isso porque o fato de ter de usar o *mouse* para inserir informações do índice para catálogo sistêmico o deixou perplexo.

— Eu, um verdadeiro ciberpirata, nunca uso *mouse*! É um ultraje! Que palhaço desenvolveu esse programa? Vou mudar isso é agora!

Cegado pela raiva, começou desmontando o *mouse*. Depois de abri-lo, lembrou que o problema era o programa e não o controle. O fato de ter sido ameaçado por um programa de biblioteca desoxigenava seu cérebro. O bolsista não conseguia criar uma linha de raciocínio. O *mouse* era a causa de sua cólera, mas não era a causa do programa não ter uma tecla de atalho.

— Tecla de atalho! O problema são essas malditas teclas!

Ao ver o *mouse* despedaçado, sentiu um remorso misturado de um sentimento de ter sido feito de otário. Isso aumentou sua raiva contra seu mais novo objeto de ódio: o teclado. Num ímpeto, retirou tecla por tecla. Na última delas, já sob o efeito relaxante de suprimir os botões, recebeu um clarão de lógica.

— Espera aí. As teclas são só os controles físicos. O problema é o programa...

Desnortado — para ele a causa parecia o efeito; e o efeito, a causa —, resolveu ir atrás de um cafezinho para espairecer a mente.

DO OUTRO lado da Biblioteca, estava o Titanic, já finalizando a limpeza do acervo.

— Com licença, estou procurando a edição rara de *A divina comédia*...

Uma moça de cabelos ruivos e olhos azuis batia à porta da área restrita onde estava o grandão.

— Sim, sim, claro. Em que posso ajudá-la? — gaguejou.

— Como havia falado, eu gostaria de acessar a edição centenária de Dante Alighieri... — repetiu suavemente a ruiva.

— Sim, sim, já limpei... Quer dizer, já vi... Quer dizer, li e não gostei... Quer dizer, li e gostei... — o Titanic estava perdido entre dizer o que estava fazendo, o que não deveria fazer e o que gostaria de fazer.

Então, numa súbita autoimagem de um grande navio, o bolsista de quase dois metros levanta suavemente seu braço, sem esticá-lo por completo, em direção ao exemplar. Enquanto seu longo braço esquerdo voltava à terra firme, o outro segurava o espanador. Lá de cima, via dois olhos profundos como o mar. Um calor tomou conta de seu corpo. Quem havia atizado suas caldeiras? Aqueles cabelos ruivos eram mais que fogo-fátuo em águas rasas. Ao entregar o livro, o rapaz conseguiu entrever a carteirinha da donzela. Não conseguiu ver por completo, mas as quatro letras finais eram: “triz”.

— Obrigada — disse a moça.

Ao vê-la tomar distância cada vez mais, o pobre rapaz sentiu um frio. Então, o destino guardava o gelo a todo Titanic? Pensativo, tentava completar aquele nome:

— Triz... triz... triz...

Nada vinha a sua cabeça, senão: imperatriz, embaixatriz e atriz. Se ao menos ele tivesse lido *A divina comédia*, saberia seu nome e talvez onde encontrá-la...

JÁ COM metade do computador desmontado, Luísa entra na sala.

— O que é isso? — apavorada, interroga.

— É, é, é... Eu posso explicar... São melhorias no sistema de cadastro dos livros...

— Não brinca? Quem você acha que é? O “Netscape” em pessoa?

— Não, senhora Luísa, não me leve a mal... Eu só quis ajudar — justificava-se o mais novo apelidado da Biblioteca enquanto via seu agouro nos olhos ardentes da Bibliotecária-chefe.

— E onde está o “Mãos de seda”? — gritava a mulher inconformada com a bagunça daquela sala.

UNS METROS dali, onde se escutavam apenas berros indecifráveis, estava o rapaz, escondido entre as prateleiras, de luvas, lendo uma tese de doutorado sob o título: *Mais branco que o branco: questões filosóficas a respeito da cor branca das páginas dos livros.*



## *Para nunca mais voltar*

*por Kátia Rebello*

EU NUNCA revelei isso a ninguém. Escrevo aqui, na intenção de registrar o ocorrido. Pois, às vezes, nem eu consigo acreditar no que aconteceu. Eu trabalhava no período da tarde e no da noite, na Biblioteca Central. Naque-la época do ano, nos dias chuvosos do mês de julho, não diferenciávamos o entardecer do anoitecer. Jamais me esqueci deste detalhe, porque as poucas pessoas que circulavam pelo local, no período de férias, saíam antes das cinco horas da tarde, quando a escuridão já os aguardava lá fora.

Os fichários enfileiravam-se, lado a lado, diante do balcão de empréstimo, e eu resolvi organizar o de autores. Comecei cedo e no fim da tarde já me encontrava agachada verificando a gaveta de baixo. Foi quando uma ficha pulou entre meus dedos e precipitou-se no ar. Na tentativa de alcançá-la, pois se embrenhara na junção do móvel, vi dois sapatos lustrosos, salpicados por gotículas de chuva, estacarem perto de minha mão. Ouvi o cumprimento de alguém e olhei para cima. Um senhor, vestindo capa de chuva preta, ralos fios de cabelos a pingarem sobre os ombros, manteve a expressão enigmática.

— Boa noite! — repetiu.

— Boa noite, senhor! — respondi, erguendo-me.

— A Bibliotecária se encontra?

— É só com ela?

Não houve resposta.

— Sim, sim. Eu vou chamar.

Afastei-me até a sala envidraçada e, mesmo antes de eu entrar, ela olhou e reconheceu o homem atrás do balcão. Aproximou-se rapidamente, trazendo um recém-esculpido sorriso nos lábios.

Observei-os de longe.

Gestos solenes. Olhares de compreensão.

Ele entregou-lhe uma sacola.

Ela agradeceu. Disse-lhe algo. Olhando através daquela parede transparente, a cena mais parecia saída de um filme mudo. E aquele estranho, tipo Buster Keaton, manteve a expressão sorumbática até cruzar a porta em direção à rampa de saída.

A Bibliotecária desfez a expressão amável e, dirigindo-se a mim, ordenou:

— Leva estes periódicos e os organiza na caixa.

Peguei a sacola das doações e levei para a outra sessão.

Puxei as revistas e observei-as uma a uma. *Ciência Hoje*. Edições de janeiro a dezembro do ano anterior. Talvez Buster Keaton seja um cientista! — concluí. Sentei diante da mesa e comecei a folheá-las. Não que o assunto me interessasse, mas, na ausência dos usuários, o tempo ali escorria lentamente pela parede espelhada.

Observei a chuva lá fora, e uma revista escorregou de minhas mãos, abriu-se. Puxei-a com as pontas dos dedos. A página, talvez por muito tempo dobrada, recusava-se a fechar. Revistas teimosas! Às vezes, nós passamos horas debruçados sobre algum artigo importante e deixamos para sempre a evidência a qualquer leitor astuto. Corri o olhar pelos parágrafos, e algu-

mas palavras se sobressaíram no texto, emolduradas pela caneta de tinta vermelha.

Larguei o periódico. Puxei outro. Joguei-o sobre a mesa, fazendo-o pou-sar, como um pássaro batendo as asas. Espiei. Ali também notei algumas letras circundadas de vermelho.

Escolhi outra revista e repeti o gesto brusco, deixando-a alçar voo no ar. Corri os olhos pelo texto. Encontrei!

Talvez fossem versos de um poema... Poema? Um cientista escrevendo seus versos poéticos nos artigos científicos? Mas não eram versos, apenas palavras soltas. Ou teriam sentido juntas? Peguei papel e caneta para anotar os vocábulos, porém, senti-me como um *voyeur* espiando a correspondência alheia. O pensamento não me intimidou. Resolvi primeiro ordenar os vo-lumes na sequência dos meses. Nos primeiros seis meses não havia marca-ção alguma.

Transcrevo abaixo os vocábulos encontrados em todas as revistas do se-gundo semestre do ano anterior:

PRECISO / SAIR / ROTINA / CANSAÇO

TRISTEZA / SOLIDÃO / DECEPÇÃO

PROCURO / LIBERDADE / AVENTURA / VIDA

VIVER / VIVER / VIVER

FOGO / CARRO / ACIDENTE / MORTE

PARA / NUNCA / MAIS / VOLTAR

Amassei o papel e joguei no lixo. Guardei as revistas na caixa e coloquei na prateleira.

Voltei ao Setor de Empréstimo e encontrei a Bibliotecária já se preparan-do para ir embora. Ao perceber a minha presença, ela perguntou:

— Organizaste os periódicos?

— Sim — limitei-me a responder.

Ela balançou a cabeça e, suspirando, começou:

— É uma pena... O professor ainda está muito abalado. Também, perder o filho daquele modo trágico...

Mantive o silêncio e deixei que ela contasse a história.

— O professor perdeu o filho num acidente, no final do ano passado. O rapaz era engenheiro. Aquelas revistas eram dele. Parece que ele trabalhava numa grande indústria. Tão jovem... Morrer assim... O rapaz foi dado como morto, pois o corpo não foi encontrado.

Curiosa, eu inquiri.

— O carro dele pegou fogo?

A Bibliotecária virou-se para mim.

— Sim. Foi exatamente isso que aconteceu! Como tu sabes?

— Eu li em algum lugar...

Ela encarou-me séria.

Mas creio que não entendeu.

## *Sirius e Bellatrix em Santa Catarina?*

*por Evandro Jair Duarte*

DANIEL SAI da aula correndo e vai para a Biblioteca verificar uma informação que chegou até ele naquela tarde.

— Sirius e Bellatrix na Biblioteca da Universidade?

Ele corre pela Universidade, enquanto muitos olhares recaem sobre ele. Os observadores ficam sem entender por que tanta pressa.

— Não estamos em Hogwarts! Que história é esta de homenagem a esses dois?

O pequeno estudante de um colégio próximo da Universidade Federal agora passa pela reitoria e entra em um corredor formado por árvores altas.

— Este cenário não é nada agradável quando a noite cai e você percebe que está sozinho no trajeto. Aliás, percebo que vi poucas pessoas na rua! — pensa o garoto.

A noite está fria e silenciosa. Ele sente um calafrio e fica todo arrepiado.

— Deve ser o frio que me fez ficar assim — pensou Daniel.

Quando sente medo, o pequeno tem o hábito de mudar o foco para conversas internas. Assim, ele fica pensando em perguntas e respostas e não percebe muito o que está ao seu redor. Mas tem sensação que é mais forte.

— Sinto que tem alguém perto, mas cadê? Olho de um lado a outro e não vejo nada!

Daniel para de correr e anda aceleradamente, só que, ao passar por uma igreja ecumênica que fica perto da Biblioteca, ele percebe uma presença. Estanca os pés no chão e fica paralisado. Inicia uma conversa em sua mente:

— Ah, deve ser minha imagem refletida no vidro e eu aqui pensando besteiras! Não tem ninguém. Eu fiz quase uma meia maratona no *campus* e não vi mais ninguém nesta direção.

Na Universidade àquela hora não havia muito movimento, pois ou os acadêmicos estavam em aula ou estudando em salas e bibliotecas. A impressão passada era de que só Daniel circulava por ali. O estranho é que o relógio marcava sete horas da noite. Ele resolve continuar e entrar logo no prédio ao qual se direciona desde que saiu da sala de aula.

O garoto passa por uma pequena ponte e logo avista a entrada da Biblioteca. Ela está aberta, e na entrada só se percebe o guarda que faz o controle da entrada e saída dos alunos. Silenciosamente deixa os pertences no guarda-volumes e entra, rumando para o local que precisa verificar a informação recebida.

Ele começa a investigação e identifica que há algo muito estranho e errado por ali.

— O que está acontecendo? O que é isto?— fala baixinho.

Daniel ajeita seus óculos e resolve circular mais um pouco. Vê duas placas e não entende direito. Continua confuso, só que agora acrescenta outro sentimento. Ele fica nervoso.

— Esses nomes! Não tem sentido estarem nestas placas! Não entendo porque fizeram isto!

O incômodo aumenta e toma conta do rapaz, que continua sua divagação, só que segue observando todos que ali estão. Ele procura uma mesa locali-

zada em uma parte discreta da Biblioteca, em que possa ficar de olho em todos e descobrir o que está acontecendo. Precisa de alguma informação para explicar aquilo.

Ao se dirigir para o setor da Biblioteca com o nome de Bellatrix, eis que surge um ser enigmático.

— Quem é aquela mulher? Ela é estranha! — pensa baixinho, como se alguém pudesse ouvir seus pensamentos.

Ela tem o cabelo comprido, encaracolado e preso de tal forma que mais parece estar despenteada. Tem o aspecto de quem não dormiu direito e usa preto. A mulher não o vê, e ele fica observando o que ela faz.

Ela pega um livro de capa marrom escuro, que parece de couro. Ele tem uma encadernação bonita e ao mesmo tempo parece ser uma obra antiga. A estranha figura olha para um lado e para outro, enfia-o embaixo de seus braços e sai em direção a uma sala isolada. Há uma placa informando que só é permitida a entrada de pessoas autorizadas.

— O que ela está fazendo? Por que pegou aquele livro e sumiu? — Daniel fica intrigado.

Não consegue ver a estranha, ela desapareceu ao atravessar a porta da sala com acesso restrito. Ele continua olhando para a porta e, como não percebe mais nenhuma movimentação por lá, fica analisando os outros passantes.

Agora passa um homem alto, magro, de cabelos compridos, com bigodes e barba impecáveis. Ele está vestindo um sobretudo preto.

— Como as pessoas por aqui gostam de preto! E como são estranhas! — pensa Daniel.

O misterioso homem passa para outro ambiente da Biblioteca, e o pequeno vai atrás. Percebe que ele entra no Setor Sírius.

— Outra coisa estranha é alguém ter colocado estes nomes nos setores: Bellatrix e Sirius. Por que colocariam estes nomes nos setores? Parece que a direção é fã de J. K. Rowling!

O homem está parado em uma parte escura. Daniel se esconde e fica observando por entre as prateleiras em outro corredor. O senhor da capa preta pega um grande e volumoso livro.

— Mais um que procura livros velhos! Este é bem grande e parece pesado. Além de usar preto, eles também gostam de livros grandes e de muitas páginas. Duvido que leiam tudo!

Parece que ele sente a presença de alguém o vigiando, pois ele para de ler o livro e começa a olhar de um lado a outro. Vira na direção do pequeno investigador, que se esconde para não ser visto.

Por via das dúvidas, Daniel pega um livro e finge fazer uma pesquisa. O homem vestido de sobretudo passa por um corredor e agora se aproxima de onde o garoto está. Este que não é bobo se senta em posição de Buda e coloca o livro sobre as pernas, apoiando o cotovelo no livro. Ele mergulha numa leitura fingida para encenar bem a pesquisa que faz.

Quando o homem passa, ele para e olha para Daniel. Fica parado e encara o menino.

— Não posso olhar para que o fingimento de meu interesse no livro seja o mais real possível! Afinal, eu o estava espiando. Como não o conheço, fico bem quieto na minha. Assim eu aprendi assistindo a filmes de mistério.

O homem está mal-humorado, e Daniel ouve um suspirar profundo de quem está estressado. Logo na sequência ouve os passos do estranho ir em direção à saída.

Neste instante, o garoto se levanta, deixando o livro no chão, e vai discretamente atrás do homem. Daniel vê que o estranho carrega o pesado livro

antigo em suas mãos. Ao caminhar, agora em passos rápidos, o casaco do homem se abre, e os cabelos ficam esvoaçantes.

— Meu Deus! Parece que estou em um filme de aventura.

O homem entra na mesma sala que a mulher descabelada entrou. Daniel para e fica atrás de um pilar. Sentado em uma cadeira fingindo ler, mas continua de olho na porta em que os dois sinistros entraram e não saíram mais.

De repente, um barulho de estouro se faz lá dentro da sala restrita a funcionários, e se pôde ver um *flash*. Em seguida, a sala fica escura. Daniel fica nervoso e com a respiração ofegante.

— Não sai ninguém lá de dentro! O que aconteceu com os dois seres sinistros?

Cheio de coragem o garoto se levanta da cadeira e vai em direção à porta. Caminha decidido a entrar naquela sala quando uma voz atrás dele o interrompe, perguntando:

— Onde você está indo? Não pode entrar aí.

Daniel para e vira seu corpo para ver quem era. Uma senhora em um vestido rosa, cabelos bem arrumados como se tivesse acabado de sair do salão de beleza o olha com um sorrisinho no canto da boca e um dos olhos semicerrados. Este olhar ele conhece bem: é de repreensão. Ela arqueja a sobancelha esquerda, inclina a cabeça um pouco para o lado e me pergunta:

— Você leu o aviso de não poder entrar aí? O que você iria fazer aí dentro? Veja que está escuro.

Daniel responde:

— É... é... eu vi... uma mulher entrando aí... Ela tem cabelos encaracolados e longos... é... é... ela usava preto. Em seguida entrou um homem de sobretudo preto... ele tem cabelos compridos, barba e bigode...

Ela continua com seu olhar questionador e o interrompe com uma pergunta:

— Mas o que isso tem a ver com você querer entrar nesta sala?

O garoto fica gelado, tremendo e gaguejando, sem conseguir dizer nada que se pudesse entender. Neste instante, ele pensa que realmente está em um filme. Naquele tipo de cena em que o personagem fica em situação de encurralado. Ele precisa se explicar para não se dar mal e diz a ela:

— Achei estranho o modo como os dois agiram. Cada um pegou um livro bonito e parecia raro. Assim que pegaram o livro, eles entraram aí. Como não bastasse a atitude deles ser suspeita, houve um estouro, um *flash* e agora este escuro. Estou preocupado com o que aconteceu aí dentro.

A mulher dá um sorrisinho de meia boca e pergunta:

— Você é novo por aqui, né? Deve ser de algum colégio próximo e ainda não conhece os dois Bibliotecários, não é?

Daniel responde afirmando não os conhecer. Ela explica tudo ao garoto.

A senhora diz que os dois são funcionários da Biblioteca. Eles estão trabalhando no turno da noite para ajudar em um mutirão com as obras raras. Os livros que eles pegaram são do setor, estavam sendo utilizados, e as pessoas que pegaram não devolveram como foi solicitado.

— O dia foi puxado para os dois, por isso a aparência de cansados. Sem mencionar que a pobrezinha da Glória já está descabelada! A sala tem outra porta, quando a lâmpada soltou um clarão e estourou, deixando-os no escuro, eles saíram pelo outro lado. Fique tranquilo.

Daniel dá um sorriso largo, e a mulher o olha também soltando um sorriso grande. Como ele percebe que ela já não está com o ar de brava, resolve perguntar algo que está martelando em sua cabeça desde que chegou à Biblioteca.

— Senhora, por que alguns setores da Biblioteca homenageiam o Harry Potter?

— Por que o motivo de sua indagação? — pergunta ela.

— Porque tem um setor chamado Sírius e outro Bellatrix, que são os nomes de personagens do livro da J. K. Rowling.

Neste instante, a senhora não se aguentou e deu uma gargalhada. Olhou para os lados para ver se não tinha mais ninguém perto que pudesse ficar irritado com o barulho. Afinal, ela não queria incomodar os que estavam estudando. Olhou para Daniel e disse que não era por este motivo que os setores recebiam tais nomes, e sim por se tratarem de constelações. Eles resolveram nomear os setores por constelações.

— Nossa! Eu e minha mente fértil. Tenho que suspender um pouco as leituras de fantasia e aventura.

Agradecendo pela explicação, Daniel sai e vai embora, afinal está na hora de fechar a Biblioteca. Ele ficou muito tempo lá dentro em seu processo investigativo. Ele vai embora, percebe que o *campus* está escuro, frio e vazio. Como subterfúgio habitual para não pensar em coisas que lhe causam medo, ele vai pelo caminho pensando em tudo o que aconteceu naquelas horas dentro da Biblioteca e rindo do monólogo que inicia em sua mente.

— Mal sabe a mulher que a noite foi tão misteriosa que eu cheguei a pensar que os dois Bibliotecários eram como os personagens Sírius Black e Bellatrix LeStrange da história de Harry Potter, e que os livros carregados por eles eram de bruxaria para serem usados em algum encanto um contra

o outro. Pior! Se ela soubesse que eu a confundi com a Dolores Umbridge, aquela maléfica diretora da história... Ah! Com certeza eu estaria perdido e não teria a gargalhada e a explicação, e sim uma bronca e a ordem para sair de sua frente. Dizem que a arte imita a vida, ou seria a vida que imita a arte? Agora vou embora, pois preciso pegar o trem na plataforma 9 <sup>3</sup>/<sub>4</sub>, sair de Hogwarts e ir para casa, os deveres me chamam. Chega de fantasia por hoje.

## *Vida de bibliotecária*

*por Kátia Rebello*

Quando eu passei no vestibular,  
foi em segunda opção.  
Tinha juventude no olhar,  
e esperança no coração.

O Departamento de Biblioteconomia  
ficava embaixo da Biblioteca Central.  
Um espaço em harmonia,  
com espelhos na lateral.

Livro, livro, livro;  
Só vejo estantes ao meu redor.  
Não sei se estou morto ou vivo!  
Quando eu me formar, será pior?

Aquisição, doação, catalogação,  
biblioteca pública ou escolar?  
Muito trabalho, pouca ação.  
Onde eu vou trabalhar?

Tabelas de sobrenome dos autores  
eu pesquisava com lupa.  
Colecionei amigos e amores;  
Por namorar eu tive culpa?

A Biblioteca eu visitava todo dia,  
CDD, CDU, pesquisa infinita.  
Eu classificava tudo que via!  
Isso me deixava aflita...

Muitos anos de indecisão.  
Quanta incerteza o Curso me traria;  
Mudei tanto de opinião;  
Por que escolhi Biblioteconomia?

Ah, finalmente me formei!  
O diploma eu recebi com gratidão!  
De alegria quase chorei...  
Ser Bibliotecária é minha paixão.

## *Vida de estudante*

*por Kátia Rebello*

A minha vida de estudante,  
começou quando eu nasci.  
E sempre levei adiante,  
o sonho de estar aqui.

Amigos tenho aos mil.  
Sou culto, vivo entre professores.  
O campo da UFSC mais parece um canil.  
Alguns são bravos e outros, uns amores.

Do almoço no RU não posso reclamar,  
para os dias de chuva o melhor abrigo.  
Com minhas finanças, o que mais posso pagar?  
Dos funcionários até fiquei amigo.

Temo ser jubilado, mandado embora;  
A vida é muito dura por aí fora.  
Vejo namorados aos beijos sobre a grama...  
Eu também tenho alguém que me ama.

A Biblioteca eu não frequento todo dia.  
Estar entre as estantes era tudo o que eu queria!  
Às vezes eu entro e é a maior confusão...  
Logo ouço os gritos: Cachorro, não!

## Posfácio

O livro *Entre estantes e entre tantos: histórias inusitadas na biblioteca* nasceu de uma afeição compartilhada. Afeição pelo desejo de reunir e dar materialidade às histórias inusitadas que, até então, estavam guardadas nas memórias dos servidores da Biblioteca da UFSC. Ligação afetiva compartilhada, pois a iniciativa partiu de um grupo de indivíduos que se sensibilizou com a riqueza desses elementos memorialísticos e acreditou neles como sendo importantes para o registro narrativo de uma biblioteca. Esse grupo contou com o apoio de um significativo número de pessoas, dentre elas, professores, escritores, revisores, diretores, para citar alguns, que compreenderam e se sentiram tocados pela proposta.

O encontro dessas pessoas resultou na formação de uma pequena comissão editorial, responsável por mobilizar esforços para dar concretude ao projeto imaginário/imaginado de livro. Foi preciso fôlego para pôr em movimento as ações pensadas para um projeto de obra coletiva. A ideia axial era tomar o espaço da Biblioteca como um eixo, um espaço vivo, composto de um tecido vívido de recordações e relatos. E, recordar, segundo a etimologia do termo, para retomar o parágrafo inicial, significa trazer algo de volta ao coração. Afetos que se encerram em nosso peito.

O processo de produção envolveu a seleção de potenciais depoentes (os contadores de histórias), o agendamento de entrevistas, o registro sono-

ro dos relatos orais, a transcrição dos depoimentos em sua forma sumarizada, a seleção de escritores, a tarefa de revisão editorial dos projetos textuais, a escolha dos aspectos gráficos do objeto-livro, a busca de recursos financeiros, a diagramação, a ilustração, a seleção prévia dos textos, a organização do volume, a elaboração dos paratextos e a finalização da obra.

Após esse longo percurso, o resultado final é um livro coletivo, multiautoral, marcadamente literário, cuja constelação ficcional contempla contos e poesias. Note-se a ênfase na natureza ou qualidade inventiva dos textos. Embora o ponto de partida fosse a memória, cada escritor participante teve liberdade para inventar pequenos detalhes, fundir relatos e personagens, condensar temas, escolher as estratégias que lhe parecessem mais adequadas ao efeito de sentido — e emocional — produzido pelos relatos. Matéria e memória. Fato e ficção. Todos pegaram carona nas asas da licença dramática, pois, como diria o escritor argentino Julio Cortázar ao tratar da ontologia da narrativa breve, não basta registrar no papel um conto oral para que este se torne um texto literário. É preciso algo mais. Algo que substitua o momento mágico da transmissão falada da história, o que inclui os gestos, as pausas, as emoções do contador — aqui entra todo aparato de recursos da ficção escrita para criar dispositivos equivalentes para que os elementos formais, temáticos e expressivos se ajustem da melhor forma para um leitor solitário. Afinal, um livro é, por definição, um instrumento de degustação solitária, prescinde do coletivo, dos ouvidos e olhos atentos em torno de um contador.

Por essas razões, os autores foram convidados a compor esta antologia a partir da livre escolha dos relatos colhidos — cujo contato inicial se deu pela versão sumarizada e, mais tarde, foram ouvidos, de forma atenta, na íntegra — com base nas impressões produzidas pelos seus conteúdos.

O argumento da memória tomou (outra) forma, sem desprezar a força essencial contida no texto de origem. Estas marcas explicam eventuais semelhanças que o leitor atento pode perceber em relação à realidade — ao mesmo tempo em que pode contemplar distanciamentos, metáforas, transcriação fictícia.

Um único requisito foi definido como indispensável ao processo de criação literária: a preservação do anonimato dos depoentes e das pessoas citadas em algumas histórias (agora transformadas em personagens, não figuras reais de carne e osso, mas estruturas de papel verossimilhantes).

Dentre todos os exímios contadores de histórias da Biblioteca, elegemos apenas um para, simbolicamente, representar os demais. Trata-se do senhor Arilton Tomaz Silvano, um dos maiores contadores de “causos” da Biblioteca. Figura folclórica, quase literária, se não fosse sua presença concreta no mundo.

Acreditamos que o registro das reminiscências em formato de livro impresso e eletrônico apresenta-se como um modo particular — por certo fragmentário, disperso e sem o rigor cronológico dos livros clássicos de memórias — de contar as histórias das pessoas, tanto servidores quanto usuários, que fazem da história da Biblioteca da UFSC este espaço de reunião e dispersão, acolhimento e disseminação de conhecimento. E, com esta obra, também um lugar de produção de *estórias*.

Os organizadores.



## *Os autores*

### *Adris A. de Almeida*

Nasceu no século passado em Xanxerê – cidade do velho oeste catarinense, onde ainda se caça com arco e flecha. Escritor esporádico e leitor disperso, aguarda a disputa editorial para publicar algumas anedotas ficcionais, que já vêm acompanhadas de sua própria crítica (tudo para evitar a fadiga dos literatos).

### *Ana Esther Balbão Pithan*

Virei “catarucha” e usuária da nossa festejada BU quando vim fazer meu Mestrado na UFSC em 1991. Sou autora de 9 livros e 1 *e-book*, e alguns eu doei para a BU. Que faceirice participar desta coletânea!

### *Andréa Figueiredo Leão Grants*

Não conte para ninguém/fugi tanto mas encontrei dentro de mim/uma Bibliotecária e/amante de literatura. Aquariana/Que não dispensa uma boa conversa e/café expresso./Que detesta filmes de terror e/viaja nas horas vagas.

### *Artêmio Zanon*

Um dia escrevi em meu primeiro livro *Canção da vida amor*, Rio de Janeiro, GB, em 1969, nos dois versos finais do Terceiro Movimento — Afirmção

—, do poema *Sinfonia, ou quase sinfonia*, esta sentença: “Enquanto a vida é vida/basta para que eu cante”. Aos 76 anos, ainda estou cantando. Artêmio Zanon. Escritor e Jurista. Autor de *Evangelho dos amantes* e *A execução da lavra*.

### *Carol Paim*

Eu sou a Carol Paim. Sou filha, esposa, mãe. Estudante, trabalhadora, escritora e sonhadora. Leitora desde pequena, contos de fada e finais felizes sempre me fizeram suspirar. Escrever veio da insatisfação. Eu queria continuar suspirando, e algumas histórias não me permitiram, então passei a criar meus próprios suspiros. Estou suspirando há vários anos e não pretendo parar tão cedo.

### *Eliane Juraski Camillo*

Sou Eliane Juraski Camillo, doutora em Educação pela UFSM e docente do IFSC/Cerfead-Florianópolis. Sou alguém que acredita no poder transformador da educação e da leitura como instrumentos privilegiados na direção da autonomia, da emancipação e da humanização dos sujeitos.

### *Evandro Jair Duarte*

Evandro Jair Duarte nasceu em Florianópolis em 1978. Manezinho e residente em Governador Celso Ramos, onde ouviu muitas histórias até o ano de 2004, ano em que se muda para a capital catarinense e inicia a graduação em Biblioteconomia. Agora é Bibliotecário da Biblioteca Pública de Santa Catarina e coordena a Oficina Literária Boca de Leão para que pessoas e ele registrem suas histórias por meio da escrita.

*Ingrid M. S.*

Nascida em 3 de outubro de 1993, é formada em Design de Moda, mora com o marido e a filha de quatro patas, Meg, em uma cidade pequena no interior de Santa Catarina. É sonhadora, criativa, detalhista e uma traça devoradora de livros.

*Jaime Ambrosio*

Sou catarinense, nascido em Anita Garibaldi, lá na Serra, criado no oeste do Paraná e depois transplantado de volta para o estado barriga-verde. Estudei Comunicação Social na UFSC, onde pude me embrenhar com mais determinação na inesgotável selva dos livros. Sou, por assim dizer, um jornalista que se infiltrou sorrrateiramente no mundo da literatura. Gosto de fatos, mas sinto o sangue pulsar mais forte quando escrevo ficção. E acho que levo um certo jeito pra isso, porque recebi alguns elogios e cheguei a vencer o Prêmio Cruz e Sousa, na categoria Contos.

*Kátia Rebello*

Muitos livros eu escrevi. Outros ainda escreverei. Foi em Florianópolis que eu nasci, e na UFSC me formei. Escrever é uma grande aventura. O Mestrado e o Doutorado eu defendi com louvor. Uma vida dedicada à Literatura! Sou Kátia Rebello e escrevo para encantar o leitor.

*Leonardo Ripoll*

Leonardo Ripoll é usuário constante de informação e tem longa experiência no atendimento a pessoas como ele. Músico, técnico em Produção Mecânica, ex-praticante de Muay Thai e da vida de graduando em Psicologia e em

Sistemas de Informação, atualmente ocupa seu tempo como mestrando em Gestão da Informação. Nas horas vagas, se diverte como Bibliotecário.

### *Marcio Markendorf*

Marcio Markendorf perdeu o acento no dia do registro. Não virou perdedor por isso. Antes, um vaticínio: os nascidos no dia 22 são 2 vezes imperador. Natural de Guarapuava, interior do Paraná, de ascendência confusa, tem forte tendência para o indígena, o português, o alemão e o fenício. Imperador do que ele ainda não sabe. Faz rabiscos de literatura “vezenquando”.

### *Maria de Lourdes Krieger*

A paixão por criar histórias foi consequência da infância cercada de bons livros, e de ouvi-las antes de dormir. Desde cedo ocupou muitas páginas de cadernos escolares com narrativas fantásticas, loucas, impossíveis — excelente exercício que a preparou para os tantos livros para crianças e jovens que publicou, muitos dos quais lhe renderam prêmios.

### *Nilson Weber*

Sou Poeta até a medula; vide bula. Segui as águas do rio Itajahy Açú e assim cheguei ao litoral. Achei legal e aqui fiquei a ver navios. Quando crescer, quero ser criança. Quando morrer, quero virar passarinho.

### *Patrícia Núbia Duarte*

Sou advogada, amante dos livros, da leitura e da escrita. Também sou um pouco socióloga, antropóloga, psicóloga, cozinheira, faxineira, louca, satis-

feita, bem vivida, bem envolvida e bem resolvida. Às vezes, junto tudo isso e escrevo umas coisinhas por aí.

*Roberta Moraes de Bem*

Na profissão de Bibliotecária, desenvolvi paixão por pessoas e suas histórias, ou vice e versa, sejam elas fictícias ou reais. A habilidade de desenvolver uma narrativa capaz de envolver um leitor é fascinante, por isso a possibilidade de me sentir um pouco “escritora” me encanta.

*Scott Rocco Dezorzi*

Tipo de cara que tem “tesão” pela escrita. Coisa bonita mesmo, visceral. Não a torna um ofício (por enquanto, vai saber), mas não faz dela um sacrifício. Deixa fluir, como o sangue que corre, e deixa manchar, não se importando se a roupa é branca — não falei que era visceral?

Os textos literários reunidos neste livro falam das histórias, vivências e experiências compartilhadas no ambiente de uma biblioteca. Trata-se de uma oportunidade ímpar, fruto da motivação de alguns servidores, incluindo bibliotecários, o que reforça e consolida a postura da biblioteca como protagonista na construção de novos conhecimentos.

Acredito e trabalho na construção de uma biblioteca mais ativa, articuladora na concepção do saber e capaz de integrar os recursos humanos qualificados às tecnologias disponíveis.

Este livro deu-nos a chance de devolver aos nossos estimados servidores um pouco de suas histórias e suas contribuições à Universidade. Tornando-se um presente para os leitores, para a Instituição e, especialmente, para aquelas pessoas que inspiraram, construíram e conviveram com os personagens, os cenários e as histórias retratadas nesta obra.

*Roberta Moraes de Bem*

Diretora da Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina



9 788564 093195 >